

Evocação dos 60 anos da invasão do Estado Português da Índia 1961-2021



núcleos no País

Abiul

Travessa da Praça de Touros,1
3100-012 Abiul - Pombal
Tel: 919 770 934 / 918 946 691
abiul@ligacombatentes.org

Abrantes

Rua do Arcediago, 16 - 2200-399 Abrantes
Tel: 241 372 885
abrantes@ligacombatentes.org

Alcácer do Sal

Calçada 31 de Janeiro, 21
7580-098 Alcácer do Sal
Tel: 265 081 958 / 968 764 323
combatentes.alcacer@gmail.com

Alcobaça

Rua Luís de Camões, 63, r/c - D
2460-014 Alcobaça - Tel: 262 597 616
liga.combatentes@netvisao.pt

Aljezur

Rua 29 de Agosto, Bl B - Fracção Q-Lj I
Barrada -8670-130 Aljezur
aljezur@ligacombatentes.org.pt

Almada

Praça Gil Vicente, 13, 4.º - F
2800-098 Almada - Tel: 211 397 391
almada@ligacombatentes.org.pt

Arouca

Rua Dr. António Casimiro Leão Pimentel
(perto do Tribunal) – 4540-132 Arouca
Tel: 256 944 637

Aveiras de Cima

Rua António Amaro dos Santos, 5
2050-075 Aveiras de Cima
Tel: 263 476 796

Aveiro

Rua Eng. Von Haffe, 61, 1.º - C
Tel: 234 421 309 - 3800-177 Aveiro
aveiro@ligacombatentes.org.pt

Assoc. Nacional dos Titulares do Título do Reconhecimento da Nação

Rua dos Barreiros, n.º 4 - São Bernardo
3810-062 - AVEIRO - Tel: 234 422 456
antonio.jacinto58@hotmail.com

Barreiro

Largo Domingos Dias, 1 - Lavradio
2835-374 Barreiro
ligacombatentesbarreiro@gmail.com

Batalha

Rua Maria Júlia Sales Oliveira Zuquete
Moinho de Vento - Ap. 104
2440-901 Batalha - Tel: 244 765 738
ligacombatentesbtl@sapo.pt

Beja

Rua Infante D. Henrique
(Escola Primária n.º 4) 7800-318 Beja
Tel: 284 322 320 / 967 820 093
beja@ligacombatentes.org

Belmonte

Edifício Multiusos – Sala 1
Rua Pedro Álvares Cabral
6250-086 Belmonte – Tel: 935 717 647
combatentesnucleobelmonte@gmail.com

Braga

Bêco do Eirado, 13, 1.º
4710-237 Braga – Tel: 253 216 710
braga@ligacombatentes.org

Bragança

Rua General Sepúlveda, 10
5300-054 Bragança
Tel: 273 326 394 – ligabr@sapo.pt

Caldas da Rainha

Rua do Sacramento, 7 - R/c Esq.
2500-182 Caldas da Rainha
TM: 913 534 248/262 843 142
caldas.rainha@ligacombatentes.org

Campo Maior

Rua Fonte Nova, 2 - Estrada Nacional 371
7370-201 Campo Maior
Tel: 268 030 134
campo.maior@ligacombatentes.org.pt

Cantanhede

Largo Pedro Teixeira
Casa dos Bugalhos, 1.º
3060-132 Cantanhede
Tel: 913 531 422
cantanhede@ligacombatentes.org.pt

Castelo Branco

Rua de Santa Maria, 104
6000-178 Castelo Branco
Tel: 272 092 316
castelo.branco@ligacombatentes.org.pt

Chaves

Terreiro de Cavalaria, 2
5400-193 Chaves
Tel: 276 402 761 / 910 270 478
chaves@ligacombatentes.org

Coimbra

Rua da Sofia, 136 - 3000-389 Coimbra
Tel/Fax: 239 823 376
coimbra@ligacombatentes.org

Covilhã

Rua Acesso à Estação, Lote 2 - r/c Loja 6
6200-494 Covilhã
Tel e Fax: 275 323 780 / 914 782 026
covilha@ligacombatentes.org

Elvas

Av. 14 de Janeiro - Portas da Esquina, 16 - R/c Esq.
7350-092 Elvas
Tel: 966 795 962
ligacomb.elvas@sapo.pt
ligacombatentes.elvas@gmail.com

Entroncamento/V. Nova da Barquinha

Rua Eng. Ferreira Mesquita, 1
2330-152 Entroncamento
Tel: 249 719 101
entroncamento@ligacombatentes.org

Espinho

Apartado 7 - FACE (Fórum de Arte e Cultura de Espinho), Rua 41
Av.º João de Deus - Sala 35 EC Anta
4501-908 Espinho
Tel: 227 324 799
ligacomb.espinho@sapo.pt

Estremoz

Portas de Sta. Catarina
Prédio Militar 22 – 7100-110 Estremoz
Tel/Fax: 268 322 390
nucleoetz@hotmail.com

Évora

Rua dos Penedos, 10 - 7000-531 Évora
Tel: 266 708 682
evora@ligacombatentes.org

Faro

Rua Dr. José de Matos, 115 - B, r/c
8000-501 Faro
Tel/Fax: 289 873 067
nucleodefaro@gmail.com

Figueira da Foz

Rua Rancho das Cantarinhas, 44, r/c
Buarcos - 3080-250 Figueira da Foz
Tel: 233 428 379
figueira.foz@ligacombatentes.org

Funchal

Casa do Combatente – Beco do Paiol, 32-A
São Pedro 9000-198 Funchal
Tel: 291 220 141
funchal@ligacombatentes.org

Gouveia

Rua da República, 43
6290-518 Gouveia
Tlm.: 910 133 472
gouveia@ligacombatentes.org.pt

Guarda

Praça Dr. Francisco Salgado Zenha
6300-694 Guarda - Tel: 271 211 891
nucleodaguarda@gmail.com

Ilha Graciosa

(Nova delegação de Angra do Heroísmo / Praia da Vitória)
Rua do Mercado Municipal
Santa Cruz de Graciosa 9880-373
Tlm: 295 732 125

Ilhas de São Miguel e Santa Maria

Rua José Maria Raposo do Amaral, 28
9500-078 Ponta Delgada
Tels: 296 282 333
ponta.delgada@ligacombatentes.org

Ilha Terceira

Rua Nova, s/n.º - Conceição
9700-132 Angra do Heroísmo
Tel: 295 212 277
angra.heroismo@ligacombatentes.org

Lagoa/Portimão

Rua Alexandre Herculano, 20, r/c
Apartado 265 - 8400-370 Lagoa
Tel: 282 089 169
lagoa.portimao@ligacombatentes.org

Lagos

Rua Castelo dos Governadores, 60
8600-563 Lagos - Tel: 282 768 309
Fax: 282 086 733 nucleo.lagos@gmail.com

Lamego

Urbanização da Ortigosa
Rua Eng.º Pina Manique e Albuquerque, Bl 8-c/v
Esq. 5100-003 Lamego
Tel: 254 613 565
lcnlamego@sapo.pt

Leiria

Av. 25 de Abril, Lote 12, r/c - Dto.
2400-265 Leiria - Tel/Fax: 244 001 600
leiria@ligacombatentes.org

Lisboa

Rua João Pereira da Rosa, 18, r/c
1249-032 Lisboa
Tel/Fax: 913 509 035 / 913 508 979
nucleo.lisboa@ligacombatentes.org

APCA-Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis

Tlm: 910317402 - apca@capacetesazuis.pt

Lixa

Rua dos Bombeiros Voluntários, 63
4615-604 Lixa - Tel: 255 495 280
lixax@ligacombatentes.pt

Loulé

Av.º José da Costa Mealha, 150
8100-501 Loulé - Tel/Fax: 289 413 726
nucleo.loule@gmail.com

Loures

Rua Dr. Alberto Alves de Oliveira, 5 A
Tel.: 925 760 165/968 070 587
2670-401 Loures
loures@ligacombatentes.org

Lourinhã

(Delegação do Núcleo de Torres Vedras)
Mercado Municipal da Lourinhã
Av.º Dr. José Catanho Meneses, 30-B-1º
OB, 1.º Sala M8 –2530-163 Lourinhã,
Tel: 261 438 207

Macedo de Cavaleiros

Prédio Alameda - Rua da Biblioteca,
8 - 1.º Dto - Escritório n.º 1 e 6
5340-201 Macedo de Cavaleiros
Tel: 278 421 374
nucleo.macedo@gmail.com

Macieira de Cambra

Rua do Souto, 190
3730-226 Macieira de Cambra
Tel: 256 284 566
macieira.cambra@ligacombatentes.org.pt

Mafra

Largo dos Combatentes - 2640-445 Mafra
Tel: 261 092 480
nucleomafralc@gmail.com

Maia

Av. Senhor de Sta. Cruz
(Escola EB1/JI de Santa Cruz)
Castêlo da Maia
4475-051 Maia
Tlm: 917 592 924 - 927 407 321
nucleoiligadoscombatentes.maia@gmail.com

Manteigas

Rua Dr. Pereira de Matos
6260-111 Manteigas
Tel: 275 982 300 - Tlm: 915 750 902
ligacombatentesmanteigas@gmail.com

Marco de Canaveses

Avenida Gago Coutinho, 169
4630-206 Marco de Canaveses
Tel: 255 532 390
combatentesdomarco@gmail.com

Marinha Grande

Rua do Ponto da Boavista, 12
2430-051 Marinha Grande
Tel: 244 096 830
ligamg@sapo.pt; lcmgsecretaria@gmail.com

Matosinhos

Av.º Rodrigues Vieira, 80 - Araújo (Antiga
Escola Básica 1.º Ciclo do Araújo)
4465-738 Leça do Balio
Tel: 224 901 476 / 915 750 461
matosinhos@ligacombatentes.org

Mêda

Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Imóvel Conde Ferreira, 1º
6430-183 Meda
Tlm: 925 674 611
nucleomedadcombatentes@gmail.com

Miranda do Douro

Rua D. Dinis, 4 - r/c
5210-217 Miranda do Douro - Tel: 273 432 201
miranda.douro@ligacombatentes.org

Mirandela

Rua da República, 25, 1.º – 5370-347 Mirandela
Tel: 278 990 562
mirandela@ligacombatentes.org

Monção

Rua Dr. Álvares Guerra, 48/52
(Apartado 92) - 4950-433 Monção
Tel: 251 652 521 / 915 750 875
moncao@ligacombatentes.org

Montargil

Travessa dos Combatentes, 5
7425-141 Montargil - Tel: 242 904 060

Montemor-o-Novo

Largo Paços do Concelho, 18
7050-127 - Montemor-o-Novo
Tlm: 913 509 156
ligacombatentes.montemornovo@gmail.com

Montijo

Rua Pocinho das Nascentes, nº 255
2870-307 Montijo
Tel: 211 338 247
montijo@ligacombatentes.org.pt

Mora

Rua do Parque, 3 - 7490-244 Mora
Tel: 266 403 247 - Tlm: 913 534 586-938 529 226
mora@ligacombatentes.org.pt

Moura

Largo dos Quartéis, Edifício dos Quartéis, Lote 12
Caixa Postal 3012
7860-119 Moura

Mourão

Praça da República, 4 - 1º Dtº
7240-233 Mourão
mourao@ligacombatentes.org

Oeiras/Cascais

Rua Cândido dos Reis, 216, 1.º
2780-212 Oeiras
Telemóvel: 929 059 248
oeiras@ligacombatentes.org

Olhão

Av. Sporting Clube Olhanense, 6-A
8700-314 Olhão
Tel: 289 722 450
lcombatentes.nolhao@sapo.pt

Oliveira de Azeméis

Rua António Alegria, 223, 1.º
3720-234 Oliveira de Azeméis
Tel / Fax: 256 688 112
ligadoscombatentesoaz@gmail.com

Oliveira do Bairro

Rua António de Oliveira Rocha,
Edifício da Estação da CP
3770-206 Oliveira do Bairro
Tel: 234 296 606
oliveira.bairro@ligacombatentes.org

Penafiel

Rua Eng.º Matos, 20 (Antigo Matadouro Municipal)
4560-465 Penafiel
Rua Miguel Bombarda, 12
Tel: 255 723 281
penafiel@ligacombatentes.org

Peniche

Rua Bairro do Calvário, 54
2520-626 Peniche
Tel: 262 380 073
peniche@ligacombatentes.org

Pico

Estrada Regional, 45 - S. Miguel Arcanjo
9940-312 São Roque do Pico
Tlm: 919 241 476
pico@ligacombatentes.org.pt

Pinhal Novo

Urbanização Vale Flores (Monte Francisquinho)
2955-409 Pinhal Novo
Tel: 915 753 593
pinhal.novo@ligacombatentes.org

Pinhel

Travessa Portão Norte, 2
6400-303 Pinhel
Tlm: 967 397 369
pinhel.ligacombatentes@sapo.pt

Ponte de Lima

Via de Sabadão, 181 - Arcozelo
4990-256 Ponte de Lima
967 039 844
ponte.lima@ligacombatentes.org.pt

Portalegre

Rua 15 de Maio, 3
7300-206 Portalegre
Tel/Fax:245 202 723
Tlm: 915 755 950
portalegre@ligacombatentes.org

Portimão

Delegação do Núcleo Lagoa
Rua Quinta do Bispo, Bloco A
8500-729 Portimão
Tel: 282 415 341
lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Porto

Rua da Alegria, 39
4000-041 Porto
Tel: 222 006 101 - 913 060 168
porto@ligacombatentes.org

Póvoa de Varzim

Apartado 000121 - EC – Póvoa de Varzim
4494-909 Póvoa de Varzim
jcstavilaca@sapo.pt

Queluz

Rua Dr. Manuel Arriaga, 64 - A
2560-158 Queluz
Tel: 309 909 324
queluz@ligacombatentes.org

Reguengos de Monsaraz

Rua Dr. Francisco Salles Glão, 21
7200-303 Reguengos de Monsaraz
Tel: 266 501 478 - Tlm: 913 534 592
reguengos@ligacombatentes.org.pt

Ribeirão

Rua Dr. José Leite dos Santos, 2 - Santa Ana
4760-726 Ribeirão - Tel: 252 414 219
ribeirao.lcombatentes@sapo.pt

Rio Maior

Rua D. Afonso Henriques, 79 A
2040-273 Rio Maior - Tel/Fax: 243 908 107
rio.maior@ligacombatentes.org

Sabugal

Rua Dr. João Lopes, 7 - 6320-420 Sabugal
Tlm: 926882002-961630443-968734125
combatentes.sabugal@gmail.com

Santa Margarida da Coutada

Rua Luís de Camões, 9
2250-066 Constância
Tlm: 912 664 316 / 919 166 651
santa.margarida@ligacombatentes.org

Santarém

Rua Miguel Bombarda, 12
2000-080 Santarém - Tel: 243 324 050
liga.santarem@sapo.pt

São Teotónio

Rua do Comércio, 4
7630-620 São Teotónio - Tlm: 914 272 306
sao.teotonio@ligacombatentes.org.pt

Seixal

Estádio da Medeira,
Praceta Estevão Amarante - Amora
2845-430 Seixal - Tel: 914 934 991
seixal@ligacombatentes.org

Sesimbra

Travessa Cândido dos Reis, 9, 1.º
2970-789 Sesimbra - Tel: 210 867 160
sesimbra@ligacombatentes.org

Setúbal

Rua dos Almocreves, 62 r/c - 2900-213 Setúbal
Tel: 265 525 765 - Tlm: 913 531 745
setubal@ligacombatentes.org

Sintra

Rua Dr. António José Soares, 2 - Portela
2710-423 Sintra - Tel: 219 243 288
Tlm: 925 663 075
sintra@ligacombatentes.org

Tábua

Rua do Bairro da Paz, 19
3420-021 Candosa - Tlm: 968 404 272
tabua@ligacombatentes.org

Tarouca

Rua D. João Teles da Silva
Edifício Ponte Pedrinha, 180 -Bloco 3, r/c Esqº
3610-099 Tarouca - Tlm: 939 353 837
tarouca.combatentes@hotmail.com

Tavira

Rua TCor Melo Antunes, 2, r/c - Dto.
8800-687 Tavira - Tlm: 914719 477
tavira@ligacombatentes.org.pt

Tomar

Praceta Dr. Raul Lopes, 1, r/c
2300-446 Tomar - Tel/Fax: 249 313 411
tomar@ligacombatentes.org

Torres Novas

Rua Miguel de Arnide -
Prédio Alvorão, 69-A, r/c - C
2350-522 Torres Novas - Tel: 249 822 038
torres.novas@ligacombatentes.org

Torres Vedras



8



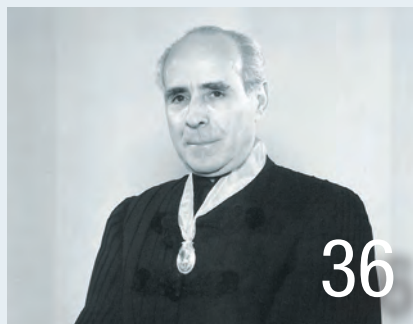
14



18



24



36

Liga Solidária - Um Euro, Um Lar

NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	96.009,04€
Anónimo.....	202,90€
Anónimo.....	20,00€
António dos Santos Simão.....	20,00€
António Esteves Pires.....	30,00€
António Henriques.....	40,00€
Armando Pereira Bordonhos.....	10,00€
Donativos Capela do FBS - 3º e 4º Trimestres de 2021.....	794,02€
Fernando Octávio Ferreira Cosme.....	30,00€
Francisco C. Couto.....	20,00€
Francisco José Nogueira Pereira.....	25,00€
Gilberto Ambrósio Batista.....	50,00€
Isabel Alexandra F. Rodrigues.....	10,00€
Joaquim Manuel.....	50,00€
José Ferreira.....	20,00€
Mafalda Sofia Figueira Coelho.....	20,00€
Maria Anunciação Loureiro Mateus Grosso.....	20,00€
Maria Isabel Ferreira General Nabiça.....	50,00€
Mário Ascensão Pereira.....	50,00€
Nelson Fonseca da Silva.....	20,00€
Núcleo de Matosinhos da LC.....	40,00€
Núcleo do Pinhal Novo da LC.....	350,00€
Saldo em 15-02-2022.....	97.880,96€

8

APRENDER COM
O INSUCESSO NO AFGANISTÃO

14

A VIDA EM COMBATE DE SOLDADOS
PORTUGUESES NA 1ª GUERRA MUNDIAL

18

PRESENCAS PORTUGUESAS
NA ESCOLA NATO

24

AS MINHAS MEMÓRIAS DA
OPERAÇÃO "MUNDO NOVO",
EM CABINDA

36

"ESTÓRIAS DA HISTÓRIA"
A CONDECORAÇÃO DO PROF. DOUTOR
MANUEL TEIXEIRA AMARANTE JÚNIOR

Agora vítimas e já não lesados...

Diz o povo que o Estado não é pessoa de bem. A vida vivida leva-nos a afirmar que, se não é, por vezes parece. Mas quem é o Estado? O Estado emerge dos cidadãos que, emanados do povo, detêm poder nos vários setores da sociedade e o exercem, cumprindo ou não a lei, demorando ou não a cumprir a lei, apoiando ou não os cidadãos e muitas vezes usurpando aos cidadãos os seus verdadeiros direitos.

Vimos lutando há anos para que sejam revistos os coeficientes de pensão, suplementos especiais de pensão, acréscimos vitalícios de pensão e o apoio à saúde dos antigos combatentes, constantes da Lei. Continuaremos a lutar até que seja feita justiça e os valores a receber não envergonhem quem recebe, nem quem, detentor de poder, mantém a situação.

Hoje apresento-vos mais uma situação concreta, relativa a militares, também antigos combatentes, que merece vir à luz do dia.

Há anos, que a vários militares na reforma, o Estado, no caso concreto o Exército, reconhece que esses militares têm direito a receber vários milhares de euros, (complemento de pensão previsto na lei 25/2000 e respetivo recálculo da pensão de reforma). O Exército informa a cada um deles as verbas que têm a receber, por dívidas do Estado acumuladas ao longo dos anos, mas não pagas, atribuindo ao Ministério da Defesa Nacional (MDN) o pagamento e este, igualmente, não paga. E esse não pagamento parece igualmente ser apoiado pela Caixa Geral de Aposentações (CGA). Em face disso, vários militares decidiram apelar ao Tribunal Administrativo.

Diz-me uma das vítimas: O Exército a meu pedido informou-me oficialmente das verbas a que tinha direito e não me tinham sido pagas. Recorri ao MDN e em virtude do MDN também não resolver o assunto, decidi recorrer ao Tribunal Administrativo. Ganhei o processo na Primeira Instância ao fim de anos de espera.

Contra a minha expectativa, no prazo de trinta dias para apresentar recurso, eis que o devedor MDN e a CGA apresentaram mesmo recurso... Há anos que estou à espera da decisão do Tribunal da Relação... Uma outra vítima descreve-me o mesmo percurso dizendo-me já ter recebido há anos parte do dinheiro após decisão do tribunal... faltam os juros... Como podem, moralmente, Entidades responsáveis, recorrerem de decisões do tribunal favoráveis aos queixosos, sabendo que estes têm razão, e que pelos mesmos motivos, já efetuaram pagamentos por terem perdido as causas apresentadas pelos queixosos, em tribunal? Temos aqui o Estado de facto, mais uma vez, a não ser pessoa de bem. Por um lado, reconhece as dívidas. Não paga. Por outro lado, quando confrontado com decisão do tribunal favorável ao queixoso, recorre, sabendo que já pagou a outros pelo mesmo motivo... Há, pois, quem continue à espera da decisão do Tribunal da Relação há anos. Há quem já recebeu. Há quem ainda não recebeu. Enfim, há injustiça imprópria de um Estado de direito. Trata-se de alguns milhares de euros acumulados ao longo dos anos... devidos a vários militares do Exército.

Acresce que a generalidade deles, como já referi, são Antigos Combatentes. E agora que jurista prestigiado, Dr. Ivo Rosa, acaba de fazer jurisprudência passando a considerar juridicamente de vítimas, os lesados por dívidas financeiras, será talvez altura de os até aqui considerados lesados, recorrerem a esse estatuto de vítimas, para que levem o Estado a ser, neste caso, pessoa de bem...e cumpra com urgência as suas obrigações legais.

É altura de o Estado pagar as dívidas que tem para com um conjunto de militares e evite que as vítimas se queixem ao tribunal e, ainda pior, que recorra das decisões do tribunal, quando sabe que é devedor e aos queixosos (antigos combatentes reformados) foi dada razão. Abstenho-me de, neste caso, utilizar adjetivos. Mas volto novamente



Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general
Presidente da Direção Central

ao primeiro assunto com que comecei o editorial, agora, com novo governo e maioria absoluta, será igualmente fundamental a imediata revisão do atual Estatuto do Antigo Combatente para que sejam revistas as leis 9/2002 e 3/2009 e o Estatuto passe a ter uma componente de apoio social e apoio à saúde, que constitua um reconhecimento material que complete o atual reconhecimento moral com que foram contemplados os antigos combatentes, no atual Estatuto.

A Liga dos Combatentes, voltará a enviar ao Governo e Assembleia da República a proposta já apresentada em maio de 2021, para consideração. A revisão do Estatuto, contemplando a componente do justo reconhecimento material, em falta, será certamente um momento histórico para os Combatentes e para a Democracia e dará finalmente a esse documento uma característica igualmente histórica.

Enfim, o Estado deve pagar a quem deve e deve ser justo para quem merece, e o serviu e defendeu de armas na mão num conflito armado, que não desejava, mas em que cumpriu um dever militar e um juramento. Trata-se afinal de melhorar as condições atuais de um direito que já foi reconhecido pelo Estado em 2002 e 2009.



Combatente

Edição n.º 399 - Trimestral - março 2022

Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 246 - geral@ligacombatentes.org
NIPC/NIF 500 816 905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa

Diretor: Joaquim Chito Rodrigues **Consultor:** Hélder Freire **Conselho Editorial:** Direção Central **Diretor Executivo:** José Geraldo
Editor (Redação): Jorge Henrique Martins **Fotografia:** Hugo Gonçalves **Publicidade:** Elisabete Caboz Tel.: 965 599 991 / 968 452 700
Secretariado: Anabela Rodrigues - anabelarodrigues@ligacombatentes.org **Execução gráfica:** Departamento de Informática LC
Impressão: Lisgráfica, S.A. - Rua Consiglieri Pedroso, 90 - Casal de Santa Leopoldina - 2730-053 Barcarena - Tel: 214 345 444
Expedição: Translista, Lda. - Rua Miguel Bombarda, 9 - Queluz de Baixo - 2745-124 Barcarena - Tel: 214 266 886
Tiragem: 46.000 exemplares **Depósito Legal:** 210799/04 - ISSN - 223 582 - N.º ERC - 101 525
Estatuto Editorial: www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos.

Capa: Arquivo Liga dos Combatentes, Coleção Joaquim Pinto Braz, Coronel

A visão e o sentir do combatente em tempos de pandemia

“A pandemia quando chegou... o tempo estava molhado...”

“Esta pandemia fez-me recordar os tempos de combatente em África, em que passava meses no mar sem avistar a terra. Navegávamos rumo ao desconhecido, deixando as nossas famílias para trás. Sentimos medo, não só porque vimos partir muitos camaradas nesta guerra mas também porque vivíamos na incerteza de se algum dia regressaríamos a casa para junto dos nossos. Era lutar para sobreviver! Comparativamente a esta pandemia, é outra guerra que estamos a enfrentar! Caminhamos todos os dias sem saber o que esperar, em vez de armas utilizamos máscaras para nos protegermos de um inimigo invisível. Mais uma vez estamos sós, somos impedidos de estar com os que mais amamos, de lhes dar um abraço, um beijo, exigindo de nós estar nas trincheiras distante de todos, apenas acompanhados com a tristeza e alguma solidão. Uma guerra que lamentavelmente também está a levar consigo, sem permitir grandes despedidas, muitos dos que amamos e de quem possuímos carinho. Sei que para a conseguirmos ganhar, temos que nos manter todos unidos e acreditar que o dia de amanhã será sempre melhor!”

“A humanidade está a passar por uma fase em que o mundo nunca mais será o mesmo, as relações de afeto/familiar, para não falar da parte social onde estamos inseridos. É dramático não poder abraçar os meus netos! Nós humanos nascemos, crescemos e vivemos para conviver uns com os outros e a pandemia veio impedir o relacionamento normal. A pandemia veio mostrar que a humanidade está a seguir o caminho errado e temos que corrigir

os abusos, por exemplo nas questões climáticas e na parte socioeconómica, veio demonstrar o quão frágil é a nossa sociedade.”

“Respeitei a 100% o vírus a até hoje uso sempre a máscara e desinfeto as mãos. Esta pandemia afetou-me porque antes podia ir aos bailes e festas e agora tudo isto desapareceu. Andava sempre em festas e romarias e assim que esta situação surgiu, perdi tudo. Fez-me sentir triste por não poder fazer a minha vida normal. É difícil ver as pessoas morrer e sentir, pela minha idade, que também pode acontecer comigo. O meu irmão morreu neste momento de pandemia e eu não pude ir ao funeral. Não me consegui despedir dele, fez-me lembrar que, também quando estive na Guiné, o meu pai morreu e eu não me pude despedir dele. Foi muito difícil e quando regresssei sofri muito”.

“No confinamento o que me valeu foi o telemóvel e o computador que me permitiu estar entretido, distraia-me a cabeça e fazia-me pensar noutras coisas para além do facto de estar em casa fechado.”

“Foi também a altura de meditar, lembrar vivências anteriores, como a guerra, a juventude, fazer arrumações, encontrar recordações, rir com alguns episódios passados, chorar a perda de pessoas queridas... Reencontrei uma agenda do meu pai durante a sua missão a Cabo Verde, Ilha do Sal, durante a II Guerra Mundial.”

“Com o aparecimento do vírus tudo se alterou, o turismo parou, as exportações pararam, tudo parou. Dá-me a sensação, sem querer ser arauto da desgraça, que «o dono disto tudo», está muito zangado connosco, com a maneira de como temos tratado o nos-

so planeta e como deixamos de nos preocupar com o próximo, olhando só para o nosso umbigo. Foi bonito de ver as pessoas que moram em prédios, que até aí não se conheciam, começaram a falar e a conviver com os seus vizinhos, ainda que fosse só através das varandas.”

“Com o abrandamento forçado da vida quotidiana, também o efeito de estufa e a poluição diminuíram.”

“A pandemia foi e é ainda assustadora, a qual eu muito respeito, mais uma vez se confirma que a natureza é a arma mais poderosa do planeta, mesmo sem munições.”

“Agora é que vou terminar desejando que a pandemia passe, que o vírus seja dominado e que os governantes deste mundo não esqueçam esta lição, sejam mais humanos, humildes e solidários, respeitando o povo que juraram servir.”

A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, veio produzir repercussões de impactos sociais, económicos, políticos, culturais e históricos.

Aos olhos dos nossos combatentes, estas repercussões são bem visíveis e sentidas, não deixando nenhum indiferente. Dizemos aos nossos sócios que era tempo de isolamento social, foi uma missão difícil, quando todos os dias a nossa luta diária para com eles é evitar o isolamento e a solidão.

Assistiu-se à necessidade daqueles que foram para uma guerra que lhes foi imposta, terem de lutarem diariamente para sobreviver e para lhes serem concedidos os seus direitos, como cidadãos comuns e que simplesmente, muitas vezes lhes são negados e fechados. Costumamos dizer que é mais

uma guerra pela qual temos que lutar e pela qual estamos juntos. A pandemia caracteriza-se pelo caos social e mudanças de comportamento e não foi indiferente aos nossos sócios.

...mas por onde ela andar eu não estou descansado.”

Testemunhos recolhidos em tempo de pandemia 2020, pelas equipas técnicas do CAMPS

RESPIRAR – UMA ARMA SECRETA!

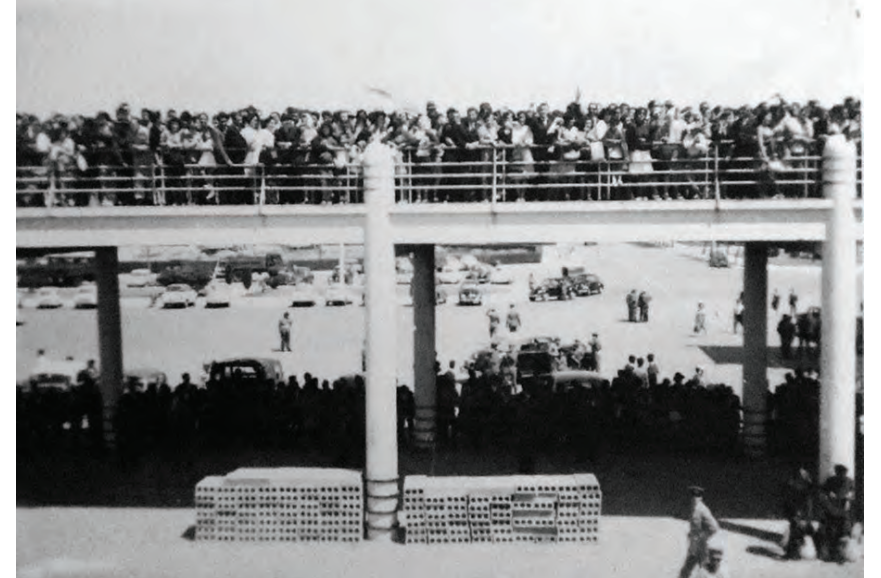
Em cada lugar que um combatente ocupa, estão no seu colo as histórias de uma Guerra, a luta que travaram sem fugir, sem desistir. Homens de Guerra, tantos com a paz no coração.

Hoje vemos os resultados, os custos desta batalha, não só porque as entidades governamentais, de acordo com o que relatam, não os apoiou como mereciam, mas também porque não foi fácil partilhar com as famílias os momentos vividos, porque não houve quem lhes dissesse que podiam controlar aquela ansiedade exagerada que sentiam perante qualquer estímulo que os colocava de novo na batalha.

Embarcaram adolescentes regressaram homens, com perdas e com saudades, refugiaram-se nos seus trabalhos, nas suas tarefas diárias e conquistaram um lugar que pensaram seguro. Volvidos anos, ou porque as profissões já não chegam para fazer face às exigências da vida ou porque a idade da reforma chegou, passam mais tempo consigo mesmos e voltam algumas das lembranças que talvez tenham sempre tentado esquecer.

A noite é um lugar de silêncio que transforma os pensamentos no inimigo número um, foram muitas horas de hipervigilância que agora se colhem em noites mal dormidas, ainda que no aconchego do lar.

Chegamos tarde, mas chegamos, tentamos ajudar a aceitar, sabemos que não é possível esquecer. Em cada começo, existe dentro de cada um, uma vontade de vencer que por vezes se perde na irritabilidade ou na angústia, mas há uma



O medo da partida cheio de incertezas

arma secreta... saber respirar de forma adequada pode trazer alguns momentos de tranquilidade, introduzir na vida o relaxamento.

A respiração diafragmática constitui uma técnica de relaxamento que visa a diminuição da ansiedade, que pode ajudar a reduzir o cerco, a aumentar a progressão, a evitar o som das granadas, pode ajudar a construir um novo mapa com um caminho menos denso.

Ousem recolherem-se por um momento, aproveitem para prestar atenção à vossa própria respiração e identifiquem os movimentos de inspirar e expirar colocando uma mão sobre o abdómen e outra na região peitoral. Respirem lenta e pausadamente, garantindo que a parte do abdómen sobe e só depois o peito. A inspiração dura 4 segundos e deve soltar-se a respiração pelo nariz durante 6 segundos. Pode-se experimentar este

exercício algumas vezes seguidas de forma calma e com bastante concentração, aos poucos vai-se tornando mais fácil respirar de forma consciente e tranquila, respeitar o ciclo de oxigenação do nosso corpo, ajudar o cérebro a ser mais e melhor alimentado para que possa produzir imagens menos dolorosas e mais bonitas.

A cada dia, para um combatente, os desafios são uma constante que teimam em aparecer, seja porque a sociedade não promove o apoio necessário, seja porque as situações parecem ser demasiado complicadas e geram irritação, desconforto e ansiedade, os psicólogos chama-lhe stress e garantem que há formas de o reduzir se trabalharmos em conjunto, numa guerrilha feita com outras armas, afinal, por aqui, é possível iniciar um “movimento de libertação” no interior de cada um.



“As guerras não atingem só as vítimas das balas”, António Guterres, Secretário-geral da ONU

Aprender com o insucesso no Afeganistão¹



Carlos Branco
Major-general

A retirada das forças americanas do Afeganistão acordada durante a Administração Trump e levada a cabo por Joe Biden materializou uma derrota política e geoestratégica dos EUA, previsível há pelo menos uma década. Foi a consequência de uma guerra de atrição e de desgaste prolongado, em que os talibãs exauriram as forças norte-americanas no campo de batalha, infligindo-lhes baixas e sofrimento, drenando-lhe os recursos e acima de tudo a vontade, levando os EUA a alterar a sua política externa forçando-os a abandonar os governantes afegãos à sua sorte.

Foi a vitória de quem tem o tempo contra quem tem os relógios. Foi uma vitória sem confrontação convencional com o opositor, como aconteceu no Vietname. Esta estratégia inseriu-se no pensamento de Bin Laden relativamente ao momento adequado para fundar um Estado Islâmico. “Bin Laden opunha-se determinadamente ao estabelecimento de um Estado Islâmico sem as condições se encontrarem maduras. Era “colocar o carro à frente dos bois”. O califado deveria ser o último estágio da luta para estabelecer um governo islâmico, não o primeiro” (Branco, 2019).

A saída das tropas norte-americanas do Afeganistão representou um passo atrás no projeto global americano (o *heartland* ficou mais distante). A presença norte-americana na Ásia Central ficou comprometida, e a pressão sobre a China e a Rússia por essa via diminuída. A retirada é, por outro lado, coerente com a estratégia de segurança nacional norte-americana aprovada em 2017, durante a vigência de Trump,

e não alterada por Joe Biden, onde o terrorismo desceu para último lugar na hierarquia das ameaças percebidas pelos EUA, colocando a China e a Rússia no topo. A celebração de um acordo com as autoridades iraquianas relativamente ao fim das missões de combate no final de 2021 insere-se neste quadro. O desinvestimento militar nestes países representa uma economia de meios para concentrar recursos no que passou a ser a primeira prioridade, isto é, o confronto com a China.

A debacle da intervenção militar foi o resultado de profundos equívocos políticos e militares alimentados pelas elites norte-americanas. Ao nível político sobressai a ausência de um *end state* claro, sem respostas para o que fazer no dia seguinte. O que foi planeado para ser uma operação de contraterrorismo, transformou-se rapidamente numa operação de paz visando a reconstrução do país e das suas instituições, quando o desafio era o combate contra subversivo. Tivesse Rumsfeld lido Lenine e a sua obra sobre a Comuna de Paris, saberia que o problema não reside na conquista do poder, mas na forma de o conseguir manter. O mesmo erro repetiu-se no Iraque, dois anos mais tarde.

Consequência do equívoco político, a campanha militar foi desenhada para o desafio errado. Isto é, para ser uma operação de Construção da Paz,

e não de contrassubversão, não se encontrando as forças internacionais preparadas para esse combate. Faltou, entre outros aspetos, a imprescindível unidade de comando para coordenar e articular estrategicamente o esforço civil e militar. Confirmou-se que as organizações internacionais não estão vocacionadas para fazer o combate contra subversivo.

O caso afegão evidenciou as vicissitudes de se procurar fazer engenharia social e política numa sociedade com características de pré-modernidade que se desconhece, impondo as suas referências e modelos políticos e culturais, como se fossem universalmente implementáveis, procurando replicar modelos societais liberais, “queimando” etapas do desenvolvimento social. Atraso social não é equivalente de complexidade. O exemplo mais flagrante foi a tentativa de construir um exército nacional sem ter em conta o tecido étnico e o sistema de lealdades tribais, que se sobrepôs à hierarquia funcional, conduzindo à inação e ao seu desmoronamento.

A demora dos atores externos em perceber que não se encontravam num ambiente benigno e seguro adequado à promoção do desenvolvimento económico e social, mas sim num ambiente hostil contra subversivo impossibilitou uma gestão estratégica do conflito vencedora. A principal vítima desse

equivoco foi a falta de empenho em promover um processo negocial intra-afegão, e em vez disso ter-se apostado na solução militar. A chave da resolução do conflito reside no diálogo intra-afegão, um processo extremamente difícil dadas as diferenças ideológicas e projetos de sociedade que separam as forças em confronto. De um lado, os talibãs pouco dispostos a abdicarem de um sistema Islâmico, convencidos de que as ideias e os sistemas estrangeiros não ajudam a resolver os problemas do país. “Queremos progresso, mas não à custa dos nossos valores islâmicos, independência e liberdade”; e do outro, um sistema de governo democrático, o possível dada a natureza da sociedade em causa.

À semelhança do que tinha ocorrido no final dos anos sessenta nos EUA com o conflito no Vietname, no caso afegão repetiu-se uma preocupante omissão de informação sobre os acontecimentos, ludibriando-se deliberadamente as opiniões públicas, com o conluio de largos setores da comunicação social, que preferiu a cómoda solução de subscrever as narrativas justificativas da guerra sem colocar perguntas. A democracia ficou mais pobre, como bem indica o inspirado slogan do *Washington Post*, “A democracia morre na escuridão”. Dois momentos de luz fizeram a exceção: o primeiro, em 25 de julho de 2010, quando o *The Guardian*, *The New York Times*, *Der Spiegel* e *Wikileaks* publicaram documentos militares classificados que davam uma imagem sombria dos acontecimentos no Afeganistão, contrastante com a imagem pública de progresso e vitória; e o segundo, a publicação pelo *Washington Post*, após três anos de insistente luta nos tribunais, do relatório do Inspetor Geral para a Reconstrução do Afeganistão, um documento que reúne entrevistas a altos responsáveis militares e civis americanos, e que põe a nu os esforços deliberados das Administrações norte-americanas para ludibriar a opinião pública. Como admitiu o Inspetor Geral John Sopko, “o povo americano foi constantemente enganado” (Whitlock, 2019) sobre a guerra no Afeganistão.

O exemplo afegão transporta-nos para outra realidade incontornável. A necessidade das grandes potências e dos estados vizinhos concertarem esforços para respeitarem a soberania afegã e assumirem um pacto de não interferência nos assuntos internos do país; e dos responsáveis políticos afegãos se comprometerem com uma política externa neutral e não alinhada,



Numa conferência de imprensa com o porta-voz do Ministério da Defesa do Afeganistão, Major-general Mohammad Zahir Azimi.

rompendo com a Al-Qaeda, não permitindo a utilização do seu território por potências estrangeiras, quer sejam campos de treino ou bases militares.

Este princípio de neutralidade estratégica deve aplicar-se também a outros Estados noutras latitudes, que pela sua localização e recursos suscitam os apetites vorazes das grandes potências. Para bem da paz mundial, devem refrear os seus impulsos expansionistas nestes territórios, e não perturbar o equilíbrio estratégico.

O Afeganistão é mais um exemplo de um Estado vítima do comportamento frio, calculista e pragmático das grandes potências, que olham para os pequenos Estados como peças de um tabuleiro de xadrez. O seu cálculo geoestratégico impele-as a provocar mudanças de regime quando percebem que têm algo a ganhar com isso, ou a desinvestir quando os ventos não lhe são favoráveis. No primeiro caso, socorrem-se de aliados locais para fazerem prevalecer os seus intentos. A coincidência de interesses entre atores externos e internos materializa-se normalmente em alianças efémeras e meramente instrumentais, que se desfazem no momento em que os primeiros percebem que o desenlace lhes vai ser desfavorável, colocando os seus aliados em situações de enorme dificuldade.

Como escreveu o insuspeito Brzezinski (2007), o terrorismo não é um inimigo, mas uma técnica de guerra. A chamada “guerra ao terror” criou uma cultura de medo na América, teve um impacto pernicioso na democracia

americana, e na posição dos EUA no mundo. O medo obscurece a razão, intensifica as emoções e torna mais fácil para os políticos demagógicos mobilizar o público em nome das políticas que desejam seguir. Ainda segundo ele, para justificar a “guerra ao terror”, o governo americano elaborou uma falsa narrativa histórica que pode até se tornar uma profecia que se autorrealiza.

Não era necessário invadir o Afeganistão para destruir a Al Qaeda e capturar Osama Bin Laden. A sua captura podia ter sido dirimida de outro modo, como acabou por ser 10 anos mais tarde no Paquistão através de uma ação de forças especiais. O facto da operação militar desencadeada em 7 de outubro de 2001 não o ter capturado comprova que era desajustada para atingir o objetivo pretendido. Provavelmente os verdadeiros objetivos da operação estavam distantes dos anunciados.

A derrota geoestratégica norte-americana resultante da tomada do poder pelos talibãs pode vir a ser mitigada no médio prazo. À semelhança do que aconteceu com o Vietname, os EUA estabelecerão relações políticas e económicas com o novo regime afegão. No novo ambiente de segurança e estabilidade política mantido pelos talibãs, os EUA poderão encontrar condições para concretizar o seu projeto gorado no final de 1998. Não está morto o sonho de controlar das rotas dos oleodutos e gasodutos provenientes do Cáspio e Ásia Central. Deus, Alá, Buda... alguém escreverá direito por linhas tortas.

¹ Este artigo baseia-se num excerto do livro “Afeganistão. Episódios de uma Guerra Perdida” (pp. 209-213), que o autor publicou com a chancela do Instituto de Defesa Nacional (Lisboa, 2021).

Bibliografia

Branco, C., 2019. Afinal Osama Bin Laden tinha razão. *Jornal Económico* (29 de março). Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/afinal-osama-bin-laden-tinha-razao-427420> [acedido em 20 de junho de 2021].
Brzezinski, Z., (2007). Terrorized by 'War on Terror', *Washingtonpost.com* (25 março).
Whitlock, C., 2019. At War with the Truth. *The Washington Post* (9 de dezembro). Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/2019/investigations/afghanistan-papers/afghanistan-war-confidential-documents> [acedido em 19 de junho de 2021].



Entrega da bandeira nacional a Fazel Karim Fazl, Presidente da Organização para a Desminagem e Reabilitação Afegã (OMAR).

Os Taliban e o “Emirato Islâmico do Afeganistão” Modelo de “Estado”



Manuel da Silva
Coronel

Introdução

O Afeganistão, sob o poder dos Taliban, continua a merecer a atenção internacional, pelo tipo de regime e pela crise humanitária, com consequentes implicações regionais e globais. Este artigo foca-se na actualidade; corresponde à terceira fase dos Taliban (de Setembro de 2021 a Dezembro de 2021), após a retoma do poder. Pretende-se caracterizar o modelo de “Estado”, com foco na estrutura central. Constitui o primeiro passo com a finalidade de identificar os objectivos e ideologia do auto-proclamado “Emirato Islâmico do Afeganistão”.

Apesar do artigo se centrar na actualidade-terceira fase dos Taliban considera-se útil tecer breves considerações, sobre as duas fases antecedentes: a primeira fase, dos anos 90 a finais de 2001, corresponde ao primeiro regime Taliban; a segunda fase, de finais de 2001 a Setembro de 2021, corresponde à “Longa Guerra” (ao longo de 20 anos), entre a Coligação Internacional, forças afegãs do regime republicano e o Movimento Taliban. Este processo metodológico permite também a compreensão dos principais conceitos e a análise da evolução ideológica.

É importante relembrar que a história do Afeganistão, a geografia física

e humana, a geopolítica, e a influência de actores estatais e transnacionais, constituem campos de estudo que ajudam a compreender a realidade actual. A título introdutório salienta-se o conglomerado étnico e religioso do Afeganistão. Os Pashtuns, formam o principal grupo étnico com a maior percentagem (inferior a 50% da população). Os Tajiques formam o segundo grupo étnico (superior a 25%), seguindo-se os Uzbeques e os Hazaras (ambos com cerca de 10%), entre outros grupos étnicos com menor expressão. Além disso os sunitas (ramo do Islão) constituem larga maioria; os xiitas estão representados pela minoria étnica dos Hazaras. A divisão afegã étnica e religiosa, conjugada com a sua distribuição geográfica regional, tem implicações políticas e de segurança que se projectam na actualidade.

I Fase dos Taliban-Emirato dos anos 90 a finais de 2001

Em primeiro lugar há necessidade de clarificar o termo “*taliban*” (sing. *talib*); significa tradicionalmente, em *pashto*, “estudantes de religião”. Todavia a designação Taliban, a partir dos anos 90, passou a estar conotada com o movimento político-religioso que emergiu em Kandahar, em 1994, sob a liderança de Mullah Mohammad Omar. O carisma de Omar, graduado em estudos “religiosos” (na categoria de *mullah*), parece ter sido um dos factores importantes que permitiram galvanizar e congregar “estudantes de religião”, provenientes de *madrassas* (escolas religiosas), ao nível local e regional. Vivia-se num ambiente de crise securitária no Afeganistão, com predominância de actores internos (sectaristas), vete-

ranos da guerra contra os soviéticos. Os Taliban, com predominância étnica Pashtun, controlaram a maior parte do território afegão (cerca de 90%), provavelmente com apoio do Paquistão.

Mohammad Omar assumiu a chefia do “Emirato Islâmico do Afeganistão” no período de 1996–2001. Ele intitulou-se amir *al-mumineen* (“líder dos crentes”); este título tem conotações doutrinares no campo político-religioso. Omar afirmou-se como líder supremo e garante da soberania do Emirato.

Os Taliban apelaram ao regresso à sociedade islâmica, através da implementação da *sharia* pela força do sistema estrutural do Emirato. Entendem doutrinarmente o conceito de *sharia* (traduzido com simplicidade por lei islâmica) de forma multidimensional; engloba o campo religioso e legal, mas também os campos da política, da moral e da cultura¹.

Os Taliban reforçaram a sua identidade através da simbologia utilizada na bandeira: de fundo branco com a inscrição a preto do primeiro pilar do Islão (*shahada*-testemunho): «Não há divindade além de *Allah* (Deus) e Maomé é o seu mensageiro».

II Fase dos Taliban - “Longa Guerra” de finais de 2001 a Setembro de 2021

O Emirato colapsou, em finais de 2001, devido à intervenção militar dos EUA, consequente do tipo de relações complexas dos Taliban com a al-Qaeda. A liderança central Taliban refugiou-se no Paquistão durante a “Longa Guerra” (2001-2021). Declararam-se, nos termos da sua narrativa, como governo afegão no exílio e deram preferência à denominação oficial do Movimento: “Emirato Islâmico do Afeganistão”. Procuraram,

desta forma, legitimar-se perante os afegãos e apoiantes transnacionais.

Após o anúncio da morte de Mohammad Omar, em Julho de 2015, sucedeu-lhe Mullah Akhtar Mohammad Mansur. A alteração nominal aconteceu, mais uma vez, após a morte de Mohammad Mansur (eliminado no Paquistão, em Maio de 2016, por um ataque aéreo dos EUA). Mawlawi Haibatullah Akhonzada teve, desde então, um papel importante ao garantir a coesão do Movimento Taliban, perante rivalidades e disputas internas. A graduação em *mawlawi*, de Akhonzada, significa formação religiosa de nível superior a *mullah*.

O Movimento Taliban, durante o processo insurreccional, continuou a apresentar predominância étnica Pashtun; todavia conseguiram associar ao Movimento elementos de outras etnias, demonstrando (de certa forma) apoio popular em todo o território afegão. Além disso nem todos os operacionais podem ser designados *taliban*, no sentido de “estudantes de religião”; constata-se diversidade nas fontes de recrutamento, na formação religiosa e no tipo de motivação.

Os Taliban desenvolveram um processo insurreccional (com diversos métodos construtivos e destrutivos, incluindo o terrorismo); todavia, de forma concorrente, assumiram a via diplomática, através de negociações directas com os EUA. O Acordo de Doha (Qatar), de Fevereiro de 2020, constitui um marco histórico para pôr termo à Guerra. Permitiu-lhes dirigir o esforço armado contra o regime de Cabul (republicano); sem o suporte armado da Coligação Internacional, colapsou em Agosto de 2021 (passado mais de um ano; era espectral!!).

III Fase dos Taliban - Emirato de Setembro a Dezembro de 2021

Os Taliban, em inícios de Setembro de 2021, declararam a reposição do “Emirato Islâmico do Afeganistão”. Mawlawi Haibatullah Akhonzada apareceu publicamente, saído das sombras! Insistiu na narrativa da legitimidade dos Taliban na governança do Emirato.



Mapa: Afeganistão-grupos étnicos
The Choices Program, Brown University, www.choices.edu; referido em www.nationalgeographic.org.

Zabihullah Mujahid, porta voz Taliban, anunciou em Setembro de 2021, os principais membros do governo (considerado interino?). Mohammad Hassan Akhund primeiro ministro (era próximo de Omar e pertencia ao núcleo fundador dos Taliban). Mullah Abdul Ghani Baradar, um dos vice-primeiros ministros (pertencia à comissão política Taliban e ao núcleo fundador do Movimento). Sirajuddin Haqqani, ministro do interior (era líder do Grupo Haqqani). Mullah Muhammad Yaqoub,

ministro da defesa (é filho de Omar). Mawlawi Amir Khan Muttaqi, ministro dos negócios estrangeiros (é próximo de Hibatullah Akhonzada).

É uma breve apresentação da estrutura do poder central! Todavia ao analisar o principal painel da liderança central verifica-se que as principais posições governamentais foram guarnecidas por figuras políticas com grande influência durante a “Longa Guerra”. Em termos de composição étnica, os Pashtun continuam a manter forte presença ▶

na liderança central; incluíram poucos elementos representativos da etnia Tajique e Uzbeque. Os Taliban ainda não formaram um governo nacional inclusivo, de forma mais alargada às minorias étnicas e religiosas. Aguarda-se a divulgação de todos os membros do governo para verificar a inclusão, ao nível ministerial, de maior percentagem de elementos representativos das minorias. Provavelmente subsistem divisões internas sobre a questão do grau de inclusão, com implicações na coesão nacional. Tem transparecido a pressão internacional.

Os Taliban mantiveram a bandeira com simbologia dos anos 90. Pretendem encapsular o Emirato como “Estado” islâmico com legitimidade. Continua a implicar doutrinarmente que só o poder estrutural do Emirato islâmico pode impor a *sharia* à sociedade afegã.

Torna-se evidente que não se perspetiva a opção pela via democrática, no acesso aos diferentes níveis das estruturas de poder. O Emirato pretende continuar a privilegiar os princípios doutrinais da obediência ao Emir, supremo líder, e da unidade de comando com respeito pela cadeia de comando estabelecida pelo regime. Acreditam que o cumprimento deste princípio doutrinar permitirá manter a coesão dos Taliban.

Conclusões e considerações finais

O auto-designado “Emirato Islâmico do Afeganistão”, enquadra-se num modelo de estado teocrático, em processo de consolidação. Continua a caracterizar-se pela forte presença nas estruturas centrais de quadros com formação político-religiosa. Este Emirato continua a admitir como função primordial a implementação da *sharia* à sociedade afegã, com algumas interpretações peculiares das fontes principais e secundárias; como por exemplo a sacralização de alguns costumes locais. A questão de inclusão das minorias nas estruturas de poder remete-se a conceitos restritivos, devido à preponderância de elementos da etnia



Bandeira do Emirato Islâmico do Afeganistão



Regime Taliban-algumas figuras principais

Pashtun na liderança central. Apesar disso, nesta matéria, perspetiva-se um cenário com alguma evolução positiva (porventura insuficiente!) por razões pragmáticas, ou fruto da pressão internacional.

Após ter caracterizado de forma sucinta o modelo de “Estado”, pretende-se em artigos subsequentes, dar os próximos passos com a finalidade de identificar os objectivos e ideologia do auto-proclamado “Emirato Islâmico do Afeganistão”. Os temas tratados inserem-se no contexto da relação entre a liderança do Emirato e a sociedade afegã, no que se refere, por exemplo: aos direitos da minoria xiita e das mulheres; às punições “legais” impostas pelo sistema de justiça. Pretende-se ainda identificar o tipo de relações en-

tre a liderança do Emirato com os actores estatais (em geral) e com os actores não-estatais, com ênfase na al-Qaeda e no Estado Islâmico. Considera-se o seguinte cenário geral: por um lado a continuidade de algumas doutrinas dos tempos passados (fases recentes); por outro lado a consolidação de mudanças (introduzidas de forma pragmática, ou fruto das pressões externas), tendo como limites o quadro da *sharia* e da cultura local.

¹Em poucas linhas torna-se difícil descrever: a escola jurídica ortodoxa de referência em que se enquadram; as influências de diversas correntes de pensamento do Islão; as fontes principais e secundárias consideradas na formulação das leis. Salienta-se, no entanto, que alguns costumes locais afegãos têm expressão nas fontes secundárias.

LEVITA
Elevadores de Escadas



DESCONTO EXCLUSIVO
SÓCIOS COMBATENTE

200€*



LIGUE JÁ E SOLICITE O SEU CATÁLOGO GRÁTIS
GARANTIA VITALÍCIA THYSSENKRUPP

Dificuldade em subir ou descer as suas **escadas**?

Se tem dificuldades em subir e descer as escadas, fale com a LEVITA um dos nossos especialistas irá avaliar as suas escadas, gratuitamente e sem compromisso!

✓
Visita de avaliação
gratuita e sem
compromisso

OBTENHA UM ORÇAMENTO REAL
800 180 980
CHAMADA GRATUITA

Não acumulável com outras ofertas e promoções
Anúncio publicado por LEVITA, Lda - Estrada Consiglieri Pedrosa, nº 71, Edifício D, 1º Frente
Queluz de Baixo, 2 730-055 Barcarena

AVALIAÇÕES GRÁTIS EM TODO O

**CONTINENTE
ILHAS DA
MADEIRA
E AÇORES**



A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)



Fernando Rita

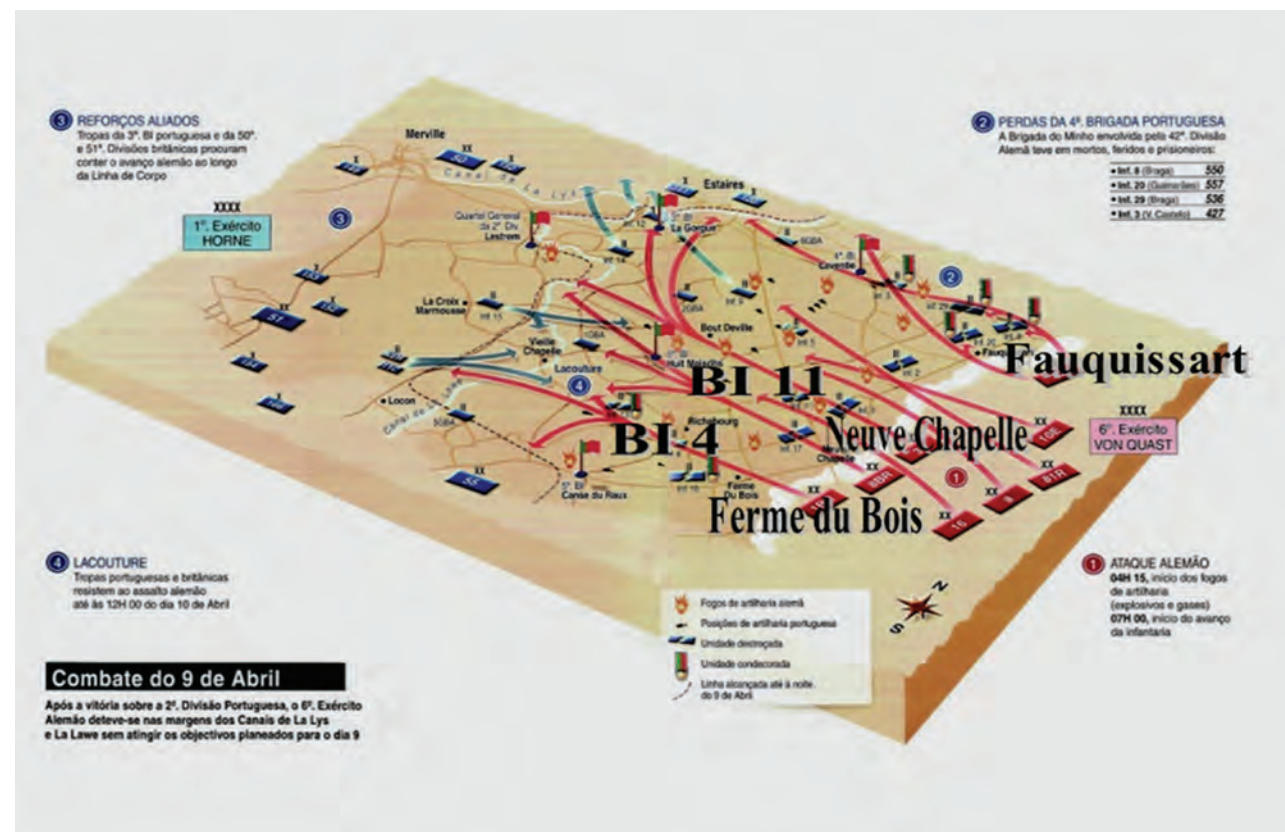
Tenente-coronel

A Primeira Grande Guerra em França

Quem ia combater no norte de França, na Flandres, necessitava de uma adaptação profunda a um novo tipo de guerra de características particularmente estáticas. As tropas dos exércitos em confronto enterravam-se em trincheiras, num conflito que testava as últimas novidades ao nível do armamento e do equipamento militar. No apoio de fogos, surgiu no combate o emprego maciço e frequente das metralhadoras, às quais se juntaram as novas capacidades da artilharia e o emprego dos fogos de morteiros. Com a utilização dos gases em combate, a guerra química tornou-se igualmente numa realidade de contornos trágicos. As transmissões desenvolveram-se, emergiu a aviação, e também a guerra submarina. Dentro deste cenário, o quadro de oficiais teve ainda que se adaptar a uma nova remodelação do exército, de acordo com o modelo britânico, com a alteração dos métodos de treino, formação e comando. Foi neste enquadramento, que em Janeiro de 1917 de forma quase encoberta, ao contrário do que acontecia com a partida das expedições militares que combatiam nas colónias, começam os embarques de mais de 50 mil homens do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) para França, destinados a combater nas trincheiras da Flandres. Por via marítima estiveram diligencia-

dos sete navios cedidos pelo governo britânico, com capacidades de acomodação diferentes que eram muitas vezes desajustadas das necessidades requeridas a partir de França, tendo como razão principal as consecutivas modificações dos quadros orgânicos. Aos sete navios britânicos juntaram-se ainda dois vapores nacionais, e os navios Pedro Nunes e Gil Eanes acompanhados por contratorpedeiros e outros navios de guerra britânicos. Após esta atribulada partida para a Flandres francesa, o C.E.P. iria participar no ano seguinte na Batalha de La Lys, que acabou por constituir um dos maiores desastres da história militar portuguesa, depois da batalha de Alcácer-Quibir em 1578. Naquela batalha, o Corpo Expedicionário Português com cerca de 55 000 homens, acabou por empenhar pouco mais de 17 000 homens da 2ª divisão, no guarnecimento das trincheiras e defesa das linhas. Recebendo ordens para ocupar a segunda linha ou linha B, devendo resistir e morrer nessa linha em caso de ataque, a 2ª divisão foi assim derrotada pelas tropas alemãs, perdendo cerca de 7 000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros de guerra, aproximadamente 40% do seu efetivo, o que constitui um enorme desfalque para as tropas nacionais. A batalha que teve início na madrugada de 9 de Abril de 1918 quando um denso nevoeiro cobria a zona da frente no vale do Lys, terminou apenas no final desse trágico mês, em 29 de Abril. Constituiu na altura mais uma tentativa da Alemanha para romper e desorganizar em profundidade a frente aliada, antes da entrada das tropas Norte-Americanas no conflito. O resultado da batalha de La Lys foi perda na Flandres de grande parte da região duramente conquistada no Outono de 1917. Os aliados recuaram cerca de dezasseis quilómetros e as localidades de Armentières, Estaires, Merville, Bailleul,

e Mont Kemmel, foram perdidas para os alemães antes que o ataque fosse detido, apenas em 17 de Abril. Apesar dos sucessos iniciais, os alemães, não alcançaram o objectivo estratégico de envolver os ingleses na região e empurrá-los para o mar, devido à resistência que encontraram desde o início da batalha até ao fim desse nefasto mês de 1918. O sector português em La Lys deixou de existir, no entanto manteve-se o C.E.P. em França muito desfalcado e com a moral muito em baixo devido às ocorrências da batalha. As forças portuguesas foram tiradas de primeira linha e colocadas na retaguarda, na região de Ambleteuse. Constituindo um depósito de tropas, foram empregues na construção de novas trincheiras e em trabalhos de campanha, pelos britânicos. Esta situação surgiu como consequência do comando inglês ter dispensado as forças portuguesas da linha da frente, devido aos acontecimentos de 9 e 10 de Abril, em que os britânicos culpavam os portugueses pela perda de terreno na região de Lys. O C.E.P. só regressou à primeira linha em Julho, depois de prolongadas negociações para tirar as forças portuguesas desta humilhante situação. Segundo vários historiadores existem diversos factores que influenciaram a derrota portuguesa e consequentemente a vitória dos alemães na batalha de La Lys, um deles como foi referido, foi o facto das tropas portuguesas não terem sido rendidas pelas inglesas e reforçadas por efectivos nacionais devido à falta de meios navais nacionais para o transporte, o que provocou um grande desalento nos soldados. Em 11 de Novembro de 1918, finalmente o armistício proposto pelos aliados foi aceite pela Alemanha, pondo fim à Primeira Grande Guerra. Cerca de um mês depois, em 9 de Dezembro, agora a partir do porto de embarque de Cherburgo igualmente no norte de França, partiu



O Sector Português na Flandres, durante a Batalha de La Lys (com alterações do autor).

Fonte: Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão; La Lys, 1918; Os Soldados Desconhecidos. Tribuna da História, Batalhas de Portugal, 2002.

deste país o primeiro contingente de tropas expedicionárias do C.E.P. de regresso a Portugal. Mais tarde no ano seguinte, foi assinado em 28 de Junho de 1919 em Versalhes, o tratado de paz que constitui o marco oficial do fim da primeira guerra mundial. No entanto, só depois de 14 de Julho de 1919, e após o desfile no Arco do Triunfo, durante a festa da vitória em Paris, é que o último contingente de 400 homens de infantaria regressou definitivamente a Portugal. Da participação portuguesa na Flandres, com cerca de 56 500 homens durante o período da guerra, entre Fevereiro de 1917 e Novembro de 1918, pagou-se uma factura cara em baixas. Houve 2 090 mortos, 5 224 feridos, 7 280 incapazes, 6 678 prisioneiros de guerra, aos quais se juntaram também 199 desaparecidos. A investição sobre a vida em combate de alguns soldados portugueses, que participaram na frente da Flandres, no norte de França, durante a Primeira Guerra Mundial, levou-nos assim ao encontro

de vários homens que viveram intensas histórias de vida neste cenário de guerra. Estamos a falar de militares oriundos de diferentes regiões do país, de diferentes classes sociais, desde o praça até ao oficial. Soldados que fizeram parte de diversas unidades de várias armas e serviços, desde o infante das trincheiras ao socorrista das formações sanitárias. Homens que viveram experiências diversificadas neste teatro de guerra, desde o combatente que foi feito prisioneiro ao ferido por acção de gases e, mesmo ao morto em combate. Contaremos de seguida, as histórias de vida de dois soldados portugueses que combateram nos campos da Flandres. Duas vivências de guerra que tem aspectos comuns com tantas outras experiências, mas também algumas diferenças, que as tornam tão peculiares. Estes relatos permitem-nos dar a conhecer apenas uma pequena parte da história de uma grande maioria de combatentes anónimos. Cabe-nos a nós desta forma, dá-los a conhecer,

recordá-los e arrancá-los do silêncio dos arquivos onde durante muito tempo permaneceram. A sua história até agora desconhecida constituirá uma evocação de muitas outras histórias que aqui não se podem contar!

Os Expedicionários da Flandres

A primeira história de vida em combate na Flandres que aqui retratamos pertence ao expedicionário Manuel Luís que nasceu no lugar de Bemparece, na Paróquia de Santa Catarina da Fonte do Bispo, no concelho de Tavira, em 20 de Fevereiro de 1895. Este Trabalhador Rural, com 1,64m, era um homem de rosto comprido, olhos castanhos, cabelo e barba preta, que fazia parte do designado 1º grupo de formação, como analfabeto. Foi incorporado no Regimento de Infantaria nº 4, em Tavira, em 11 de Janeiro 1916, com 20 anos, para cumprir o Serviço Militar Obrigatório, terminando a recruta em 29 de Abril de 1916. Nomeado para o ▶



Tropas portuguesas na linha perto de Festubert, 16 de Março de 1918. Foto: Aitken, Thomas Keith © IWM Q10751.

Corpo Expedicionário Português embarcou para França em 25 de Julho de 1917, como militar com o nº 664 do Batalhão de Infantaria 4, mobilizado com base nos efectivos das 2 companhias do RI 4 de Távira. Chegados a França, e após uma viagem de 3 dias de comboio até à zona de concentração do C.E.P. em Aire, acantonou em Inghen, em 16 de Setembro passou por uma formação na Escola de Gases de Mametz, para treinos com a máscara antigás, sob o comando do Major José Sande Lemos.

O seu batalhão forneceu ainda para a 5ª Brigada de Infantaria, onde estava integrado com os Batalhões de Infantaria 10, 13 e 17, elementos para incorporar o Comando e Estado-Maior da Brigada. Em 9 de Abril o Batalhão de Infantaria 4, reduzido a 660 praças, apoiava na linha B, os Batalhões de Infantaria 10 e 17, que estavam na designada linha da frente (linha A). Ocupava desta forma o flanco direito da 2ª Divisão Portuguesa. O nosso soldado fruto do seu empenhamento na 1ª linha de defesa, foi um dos 516 prisioneiros do batalhão, na batalha de La Lys, com mais 18 oficiais do seu batalhão. Foi feito prisioneiro em 9 de Abril por volta das 10 horas da manhã, sendo internado com

mais de 6 000 praças e oficiais numa 1ª fase, em Friedrichsfeld. Em Outubro de 1918, iria ser transferido com mais soldados portugueses para Munster II, onde permaneceu até 26 de Outubro de 1918, onde infelizmente acabou por parecer vítima de Hemorragias Intestinais. Está enterrado no Cemitério português de Richebourg l'Avoué na Flandres Francesa, no Talhão B, Fila 8, Coval 16, junto ao subsector de Ferme du Bois, onde tinha combatido arduamente na batalha de La Lys.

A segunda história de vida em combate na Flandres que aqui ilustramos pertence ao 2º Sargento Manuel Avelino Correia que nasceu na paróquia de São Julião, no concelho de Setúbal, em 20 de Fevereiro de 1895. Este lavrador, com 1,62m, era um homem de rosto oval, olhos castanhos, cabelo e barba preta, que fazia parte do designado terceiro grupo de indivíduos em termos de alfabetismo, pelo que sabia ler e escrever relativamente bem. Foi incorporado na 9ª companhia do Regimento de Infantaria nº 11, em Távira, com 21 anos, para cumprir o Serviço Militar Obrigatório, terminando a recruta em 29 de Abril de 1916. Nomeado para o Corpo Expedicionário Português embarcou para França em 8 de Agosto de

1917, como militar com o nº 691 do Batalhão de Infantaria 11, mobilizado com base nos efectivos de 3 companhias do Regimento de Infantaria 11, sediado em Setúbal. Chegados a França, desembarcou em Brest em 12 de Agosto, pelo que após uma viagem de 3 dias de comboio chegou à zona de concentração do C.E.P. em Aire, no dia 15 de Agosto de 1917. Mais tarde, nas imediações desta região, iria ser colocado na situação de diligência, no Campo Central de Instrução de Marthes, para receber diferentes blocos de formação,



Sepultura do Soldado Manuel Luís no Cemitério de Richebourg l'Avoué; Talhão B, Fila 8, Coval 16. Fonte: Memorial Virtual de Homenagem aos Mortos Portugueses da Grande Guerra.

desde o emprego da baioneta, o uso de granadas de mão, a instrução de tática de pelotão e a de pioneiros para desempenhar diferentes tarefas de engenharia militar, durante todo o mês de Novembro de 1917.

Neste contexto o seu batalhão fez assim parte da 6ª Brigada de Infantaria, onde estavam integrados também os batalhões de infantaria nº 1, 2 e 5. Após o regresso da Escola Central de Instrução, seria ferido em combate em 24 de Dezembro de 1917, tendo baixado nesse mesmo dia à Ambulância nº 1, o apoio sanitário da frente do campo de batalha, sendo evacuado posteriormente, devido à gravidade do seu ferimento, para o Hospital Canadano nº 3, que constituía o apoio sanitário de retaguarda no mesmo campo de batalha, em 29 de Dezembro. Ao receber alta deste hospital no dia 2 de Janeiro de 1918, iria recolher de forma pronta novamente a acções de combate no seu batalhão, logo no dia 4 do mesmo mês. Mas a sua pouca sorte não iria terminar aqui, pelo que a sua vida teria um fim violento na 1ª linha do subsector de Chapigny, ao ser mortalmente ferido em combate no dia 14 de Março de 1918, pelo que foi sepultado num cemitério em Laventie, povoação nas imediações deste subsector. Mais tarde seria exumado definitivamente para o Cemitério português de Richebourg l'Avoué, como tantos outros que desapareceram em combate, estando a sua lápide funerária localizada no Talhão A, Fila 2, Coval 21. Mas o nosso militar também consta como primeiro nome de uma extensa lista, numa lápide de homenagem a todos os militares mortos na Grande Guerra, posicionada nas instalações do antigo Quartel do Regimento de Infantaria nº 11, na cidade de Setúbal.

Esta pedra evoca ainda o nome de mais 53 militares desse antigo regimento, caídos em combate, originários maioritariamente das regiões de Setúbal e do Alentejo, na sua maioria soldados, que partiram para enfrentar o inimigo nas fileiras de combate e não regressaram. O antigo quartel que mobilizou esses homens alberga actual-



As tropas portuguesas nas trincheiras, construídas pelo pessoal de engenharia, no sector português. Fonte: Espólio Fotográfico do Arquivo Histórico Militar.



Do lado esquerdo: Sepultura do Sargento Manuel Avelino Correia no Cemitério de Richebourg l'Avoué; Talhão A, Fila 2, Coval 21. Do lado direito: Uma foto actual da Lápide de Homenagem a todos os militares mortos em combate na Grande Guerra, mobilizados pelo antigo Regimento de Infantaria 11 de Setúbal. Fonte: Memorial Virtual de Homenagem aos Mortos Portugueses da Grande Guerra e Repositório Fotográfico da Câmara Municipal de Setúbal.

mente a Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal e viu no dia 23 de Outubro de 2019 ser reposta esta lápide evocativa dos militares do Regimento de Infantaria 11, que mortalmente pereceram em França e Moçambique na Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Reposta no âmbito das comemorações

do Dia do Exército, que ocorreram na cidade de Setúbal em 2019, este importante evento coordenado entre Núcleo da Liga dos Combatentes de Setúbal e a edilidade local, acabaria por acontecer quase cem anos depois da sua colocação original, que tinha sucedido no dia 10 de Junho do ano de 1920.

Bibliografia

RITA, Fernando; Na Sombra do Expedicionário: A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial; Editora Fronteira do Caos, Porto, 2013.
RITA, Fernando; Com a Vida Tão Perdida: Diário de um Prisioneiro na Primeira Guerra Mundial; Editora Fronteira do Caos, Porto, 2016. 

Presenças Portuguesas na Escola NATO



António José Rodrigues
Sargento-chefe

A Escola NATO (NATO School) localiza-se no Sul da Alemanha, mais precisamente na Baviera, numa pitoresca localidade denominada Oberammergau, junto do Rio Ammer, a cerca de 150 Km de Munique. Esta localidade é conhecida pelas suas potencialidades no campo do turismo de Inverno e também pelo teatro de inspiração religiosa, cuja tradição de representação da paixão de Cristo tem praticamente 400 anos e que, de dez em dez anos, envolve toda a sua população.

Sob a dependência do Comando Aliado para a Transformação (*Allied Command of Transformation*), sito em Norfolk, nos EUA, que fornece orientação para a garantia de qualidade da Escola em parceria com o *Supreme Headquarters Allied Powers Europe* (SHAPE), a NATO School Oberammergau (NSO) é cofinanciada pelos Governos Americano e Alemão, bem como pelas próprias propinas (*tuition fee*) pagas pelos estados membros, tendo em conta o número de alunos que enviam anualmente.

Alemanha e Estados Unidos contribuem com pessoal, instalações e apoio logístico. Mais de vinte nações participam voluntariamente com pessoal para o corpo docente da Escola.

Os cursos são continuamente revistos e atualizados para refletir os desenvolvimentos atuais no seio da NATO. Entre os anos de 2003 e 2010, para além dos vários cursos que tive a oportunidade de aí frequentar, tive igualmente o benefício privilegiado de integrar, numa base

bimestral, o corpo de *guest speakers* (oradores convidados) como instrutor convidado permanente, ministrando formação aos cursos decorrentes de *Public Affairs* (Informação Pública), *Intelligence* (Informações), *PsyOps* (Operações Psicológicas), entre outros, específicos para militares e civis, destacados para cumprirem missões no Afeganistão e Iraque, no âmbito da *Cultural Awareness* em missões NATO em ambiente Árabe-Islâmico. A possibilidade de partilha, conhecimento(s) e interação com outros membros da Aliança, e não só, civis e militares, em ambiência multicultural, foi uma das maiores valências que pude retirar de toda essa experiência. Atualmente, Portugal mantém uma posição na estrutura da NSO, sendo este um lugar rotativo pelos três ramos das Forças Armadas, no Departamento de Armas de Destruição em Massa/Departamento Nuclear, Biológico e Químico (NBQ).

Os alunos são oriundos de todos os comandos militares aliados e nacionais da Aliança, a que se juntam cerca de oitenta outros países, nomeadamente membros do programa *Partnership for Peace* (Parceria para a Paz) e nações que compõem o *Mediterranean Dialogue* (Argélia, Egito, Israel, Reino da Jordânia, Mauritânia, Reino de Marrocos e

Tunísia) e da *Istanbul Conference Initiative* (Bahrain, Kuwait, Qatar e Emirados Árabes Unidos), entre outras nações amigas. A vila de Oberammergau acolhe a Escola NATO desde 1953, num espaço que começou por ser uma unidade de transmissões (até 1941), mais tarde convertido num espaço de apoio ao desenvolvimento do projeto Messerschmitt de aviação dotada de reatores (até 1945). Esta Escola militar conjunta e combinada iniciou as suas atividades académicas com dois cursos em 1953 e, em 1991, ministrava já 24 cursos diferentes, distribuídos ao longo de cada ano escolar. Presentemente, a NATO School oferece mais de 100 cursos diferentes a mais de 10.000 alunos, membros e parceiros da Aliança, em assuntos relacionados com política, estratégia, missões e operações. Entre esses cursos, a Escola oferece formação em nove disciplinas principais, a maioria com uma semana de duração, nas áreas de *Intelligence* (INTEL), *Cooperative Security* (COSEC), *Joint Plans and Operations* (JPOD), *Joint Targeting Interoperability Curriculum* (JTIC), *Standards, Evaluation and Training* (SET), *Protection* (PROT), *Hybrid, Influence and Effects* (HIED), *Non Commissioned Officer Programmes* (NCOPD) e *Distributed Learning* (DL). Focada fundamentalmente na formação individual, a



NATO School desenvolve ainda ações de formação coletiva através de sessões por internet, via *Advanced Distributed Learning* (ADL), seminários e conferências no âmbito da defesa e da segurança, ao mesmo tempo que disponibiliza equipas móveis – *Mobile Education and Training Teams* (METT), ou seja, equipas móveis de formação destinadas a satisfazer as necessidades da Aliança, que não sejam passíveis de ser preenchidas pelos departamentos da Escola. Equipas estas que formaram estudantes em locais como, entre outros, por exemplo, Argel, Baku (Azerbaijão), Toshkent (Uzbequistão), Tunes (Tunísia), Liubliana (Eslovénia), Sófia (Bulgária), Belgrado (Sérvia) e Varsóvia (Polónia).

O comando da Escola tem contactos com hotéis, pequenas pensões e empresas de serviços que se localizam no centro da localidade de Oberammergau, facto que torna possível, não só alojar, transportar e alimentar cerca de 300 alunos ao mesmo tempo, como também proporcionar a todos eles um conjunto de atividades de lazer, indispensáveis num ambiente académico. Entre essas atividades, destacam-se a prática do esqui, passeios em teleféricos, caminhadas ao cimo das montanhas em redor da localidade, natação, gastronomia, visitas aos palácios e castelos da região (Palácio de Linderhof, Palácio de Herrenchiemsee, castelo de Berg e Castelo de Neuschwanstein), atividades radicais e visitas ao museu local. Uma parte considerável das fachadas dos edifícios de Oberammergau está decorada com frescos de inspiração católica, reproduzindo cenas bíblicas. Um desses edifícios, a casa de Pilatos, é hoje património protegido de acordo com a Convenção para a Proteção da Propriedade Cultural de 1954 e alberga uma extraordinária coleção de *"glass painted behind"*.

A infraestrutura de apoio à Escola compreende um conjunto de edifícios escolares que se localizam no interior de uma unidade militar alemã, um conjunto de edifícios de apoio administrativo-logístico (NATO Lodge) com capacidade para alojar e fornecer alimentação a 67 estudantes em simultâneo e ain-



da um edifício para apoio a atividades recreativas (NATO Recreation Centre). A NSO não apenas procura adaptar os seus curricula, como também efetuar investimentos com vista a proporcionar mais e melhores ações letivas. A confirmar esta mesma tendência, em 2004 foram inaugurados dois auditórios com capacidade para 60 estudantes e um conjunto de salas para trabalhos de grupo, além de terem sido feitas obras de beneficiação no edifício Academics com vista à sua modernização, incorporando as novas metodologias de ensino com apoio aos sistemas multimédia.

A Escola da NATO, por certo, continuará a crescer, envolvendo cada vez mais estudantes, instrutores e países da Aliança Atlântica. A presença portu-

sa reflete a importância crescente deste estabelecimento de ensino, no contexto da Aliança, ponderando as capacidades e disponibilidades das Forças Armadas Portuguesas. Esta presença precisa, como até ao presente, de continuar a ser acarinhada e apoiada, quer ao nível dos discentes, quer na perspetiva dos docentes, uma vez que também neste ambiente se afirmam os interesses, se acompanham as doutrinas, se trocam experiências e se constroem respostas novas para desafios permanentes, áreas onde as Forças Armadas Portuguesas conquistaram, por direito próprio, o seu lugar no seio dos seus parceiros da Aliança e onde detém um papel específico alicerçado, como sempre, numa legitimidade de exercício. ■

Evocação dos 60 anos da invasão e tomada dos territórios do Estado português da Índia (Goa, Damão e Diu)



Isabel Martins

Evocação dos 60 anos da invasão e tomada dos territórios do Estado português da Índia (Goa, Damão e Diu), em que foram feitos prisioneiros os presentes nesta cerimónia (não a totalidade por diversos motivos, de falecimento a doença), mas onde, como há longos anos, foram também evocados e lembrados os 25 militares caídos na época, em defesa da pátria.

Iniciou-se na Capela do Combatente, com alocução do Presidente da Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra, Fausto Diabinho, estando presentes os elementos da Direção, Jorge Vaz, Waldemar Simão, António Candeias e Lúcio Pacheco, seguida de leitura bíblica, palavras de Jorge Vaz e do Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues, e chamada dos caídos.

Este ano, Fausto Diabinho apresentou na sua intervenção, que se transcreve, a carta que lhe chegou às mãos do seu grande amigo já falecido, Carita, 45 anos depois dos acontecimentos, por intermédio do prisioneiro de guerra enfermeiro, Augusto Alexandre, do Hospital Militar de Goa.

A Invasão de Goa

A aviação da União Indiana, que nos últimos dias se tinha entretido a reconhecer Goa, provocando-nos com voos descuidados e a baixa altitude, começou a bombardear o Aeroporto cerca das 06h30 do dia 18 de dezembro de 1961, e logo a seguir, os postos emissores e recetores de Bambolim.

Aproximadamente à mesma hora a esquadra Indiana, que havia mais de uma semana, à vista desarmada, rondava a entrada do porto de Mormugão, por vezes até dando a impressão de se encontrar nas nossas águas territoriais, abriu fogo contra o nosso navio «Afonso de Albuquerque». A essa hora as tropas já se encontravam a bastantes quilómetros dentro do nosso território, pois tinham começado o avanço com tropas auto transportadas e apeadas, pelas três cunhas de penetração do nosso território: eixos Doromarogo/Pernem, Bicholim/Mapuçá e Canacona/Margão, convergindo para Pangim e Vasco da Gama, cerca das 02h00 da manhã.

A atuação do nosso Quartel-General

O Quartel-General começou a cumprir o plano de defesa que lhe estava atribuído e que salvo erro era o seguinte: O Pelotão avançado seguia para as posições de Agaçaim e seguidamente para as de Dabolim, se se tomasse necessário, assegurando em ambos os locais o funcionamento efetivo do Quartel-General. O Pelotão retardado ficaria em Pangim, com a missão de recuar para Agaçaim quando as condições o exigis-

sem, mas só depois de destruir tudo o que pudesse e quando o inimigo lhes tomasse ali a defesa impossível. O Pelotão recuado era muito mais reduzido do que o Pelotão avançado. O Pelotão avançado marchou para Agaçaim pelas 07h00 da manhã. Ouvia-se o troar da artilharia dos navios, para os lados da barra. Os jatos sobrevoavam a coluna, a baixa altitude. À chegada a Agaçaim a desorganização ia aumentando na medida em que os boatos corriam. Mal se sabia o que estava a acontecer. As comunicações estavam a falhar. Sabia-se que no bombardeamento de Bambolim tinha morrido o Alferes Abrantes, comandante da Diligência, pois alguns componentes da mesma tinham sido recolhidos na estrada pelo Quartel-General.

Em Agaçaim as posições estavam condenadas, uma vez que o Serviço de Intendência tinha ali uns depósitos de gasolina e a Companhia de Manutenção de Material depósitos de armas e munições, pelo que foi necessário avançar mais para perto do rio Zuari. Nesta altura, os capitães César Monteiro e Meneses, secundados pelo major Peralta, começaram a insinuar para que nos rendêssemos, pois o que se ia dar era um assassinio em massa, por não termos meios de resistência contra as forças da União Indiana. O capitão Silva Ramos,



Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1952, H. Sousa



Chegada dos militares de Damão. Campo de prisioneiros de Alparqueiros, Vasco da Gama, Goa, 1962, A. Tenreiro

chefe da 2ª. Repartição do QG retrucou aos oficiais que falavam para que se calassem e o Comandante Militar viu-se forçado a intervir e ripostou que o momento não era para discussões, mas sim para qual cumprir o seu dever com honra e brio.

A situação continuou indefinida durante cerca de 4 horas. Os aviões obrigam-nos a enfiar nas valas a cada momento. Para os lados de Margão continuavam a soar explosões. Era a engenharia a destruir as pontes, segundo se dizia. Cerca das 06h00 da tarde chegou uma notícia que mais veio desorganizar os nervos já tensos. Consta que a Polícia tinha deposto as armas logo pela manhã e que as tropas estacionadas em Pangim se tinham rendido sem um tiro.

Nesta altura apareceu o Comodoro Comandante Naval com o seu comando. Tinham vindo a pé desde D. Paula, a corta mato, sempre junto ao rio Zuari. Não sabiam o que tinha acontecido à tripulação do navio, o qual se encontrava encalhado. Os boatos aumentavam de intensidade. Diziam que tinham bombardeado as instalações do Altinho, o Palácio do Cabo (residência do Governador), os quartéis de Alparqueiros e Bogmaló, os depósitos de gasolina em Vasco da Gama, etc... posteriormente verificou-se que tudo era falso.

Já com as comunicações inexistentes, o Chefe do Estado-Maior enviou o 1.º Sargento Ferro a Vasco da Gama com uma mensagem para o General Comandante Chefe. Parte do pessoal aproveitou este momento para manifestar o desejo de se ir render a Pangim. O Chefe do Estado-Maior reuniu-se com os oficiais e em seguida com os sargentos, relatando-nos o que estava a acontecer e incitando-nos a cumprir o nosso dever. Cerca das 22h00 regressou o 1.º sargento Ferro, de Vasco da Gama com a ordem de se recuar para Dabolim. À chegada ali verificou-se que se encontravam no centro das posições, dois camiões pesados pertencentes à Engenharia, carregados de explosivos. Os chefes das Repartições organizaram o pessoal que dependia deles e escolheram as posições que ofereciam mais garantias.

Cerca das 02h30 do dia 19 surgiu a ordem para retirar para Vasco da Gama. Ao chegarmos ali, o Comandante Chefe ordenou o regresso às anteriores posições. Depois de novamente instalados em Dabolim, correu o boato de que a Engenharia tinha minado o local e lá fomos obrigados a andar novamente em mudanças. De manhã não foi distribuído o café, pois os vaguemestres que acompanhavam a coluna tinham desapare-

cido durante a noite, levando as viaturas dos géneros. Foi então que começamos a ver quem faltava. Faltavam os majores Peralta, Pimentel e Moraes; capitães César Monteiro, Meneses, Borda d'Água, Rúben de Andrade, Couto Leite e Ângelo Augusto; Tenente Dias e Alferes Sobral; 1.ºs Sargentos Ferro, Cardoso e Abrantes; 2.ºs sargentos Diabinho, Reis, Freitas, Ascensão, Massa e Félix e furriéis Afonso e Freitas, juntamente com a maioria das praças. Teriam eles recebido alguma ordem para ir para outro local?

Se assim foi, o signatário desconhece-a. Sabe unicamente que estes e outros de que já não se recorda estavam em Agaçaim e pertenciam ao Pelotão avançado do Quartel General e não foram detidos em Vasco da Gama. Cerca do meio dia chegou às posições o Subchefe do Estado-Maior com a ordem de se marchar para os Estaleiros Navais de Vasco da Gama, pois o Comandante Chefe, General Vassalo e Silva, tinha determinado a rendição, achava por bem, poupar a população de Vasco da Gama — cidade que os indianos ameaçavam destruir a qualquer momento. Tudo tinha acabado quase antes de ter começado. Goa tinha caído.

Na parte respeitante aos militares que não foram aprisionados em Vasco da Gama, digo que por volta da meia noite houve uma



No dia 19 de março, três prisioneiros tentaram a fuga escondidos na camioneta de recolha do lixo, mas foram denunciados pelo furriel que os comandava. Este incidente ocasionou uma revolta coletiva que, embora prontamente dominada por alguns oficiais e sargentos portugueses, levou à intervenção do Brigadeiro Comandante Geral dos Campos de Goa, que ameaçou fuzilar todos os que persistissem em castigar o sargento. Foto: Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1952, A. Tenreiro

reunião com o Chefe do Estado-Maior entre oficiais e sargentos. O qual nos comunicou que nos constituíssemos prisioneiros em Vasco da Gama ou no Altinho. Pois estava iminente a rendição das tropas. Mais tarde por volta das 02h00 parte dos sargentos foram procurar os seus respetivos chefes, que por mais voltas que dessem no terreno não os encontraram, possivelmente por falta de comunicações inexistentes. Então, houve uma reunião de sargentos e praças que resolveram atravessar o rio Zuari num ferryboat que se encontrava na margem do lado de Agaçaim. Para isso tentaram saber onde estaria alojado o maquinista do ferryboat. Não sendo possível o contacto e não havendo quem soubesse manejar o ferryboat, foi deliberado entre todos que dada a impossibilidade de atravessar o rio, que por volta das 06h00 que fosse formada uma coluna das viaturas que nos transportava, para seguirmos para o Altinho, de acordo com as ordens recebidas.

Somos uma Associação de Combatentes que se reúne anualmente para Homenagear os Mortos, os nossos Mortos, foram eles, como podíamos

ser nós. Quando uma bomba cai, quem sabe quem vai morrer? Mas se pensarmos bem, se esse é o motivo de estarmos aqui, não é o único.

Estamos aqui, porque juntando-nos aqui, revendo-nos uns aos outros, voltamos atrás no tempo em que éramos jovens, cachopos, como dizia o meu grande amigo França. Queríamos reerguer os nossos amigos Mortos, antes da metralha cair. Tudo podia ser diferente, tudo devia ser diferente, mas a verdade é que aqueles heróis foram a nossa defesa, a nossa mais valia na luta com os políticos, que não sabem o que é a guerra, e o nosso trunfo muitas vezes foram os Mortos, obrigado mais uma vez a vocês, os que caíram no campo da honra. Aqui estamos junto aos seus nomes gravados nas lápides deste Forte em sua Homenagem.

Seguidamente irei chamá-los um a um e como estão presentes na nossa memória responderemos "PRESENTE".

No exterior, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, prestou-se homenagem com deposição de coroa

de flores, os toques da ocasião, Aos Mortos, Silêncio, Alvorada, Hino da Liga dos Combatentes e Hino Nacional.

Da parte de tarde, no auditório/biblioteca do Museu do Combatente, realizou-se a Assembleia-Geral da Associação Nacional de Prisioneiros de Guerra (ANPG).

Jorge Vaz continua a manter o dia a dia da Associação com instalações no edifício sede da Liga dos Combatentes, em Lisboa. José Fernandes Maneira, na altura da invasão em 1961, estava no esquadrão de reconhecimento n.º 1, em Mapuçá, e o antigo presidente da ANPG, Gomes Montez, estava na bateria de artilharia próximo do aeroporto em Goa, "sem peças de artilharia anti-aérea". Face ao extraordinário potencial relativo de combate favorável às tropas indianas aquando da invasão, às tropas portuguesas não foi possível oferecer a resistência que garantisse a defesa do território.

Após a redução de efetivos ao longo de anos, restaram poucos, sem meios humanos e materiais, para enfrentarem

as tropas da união indiana quando da invasão. Os que foram feitos prisioneiros de guerra, lembram a indiferença e mesmo rejeição com que foram abordados no regresso após a sua libertação.

Quando do regresso a Lisboa foram escoltados pela Polícia Militar, uma receção inglória para estes heróis e só anos depois, com a intervenção do então Ministro da Defesa Paulo Portas, em 2003, foram reconhecidos, tendo recebido uma medalha de mérito e reconhecimento e passado a usufruir uma reforma mensal, tal como outros antigos combatentes, o que não acontecia até então.

Continuaremos ao longo dos anos, na medida do possível, a prestar a devida homenagem a estes Combatentes, que foram dos primeiros portugueses a cair ao serviço da Pátria, não esquecendo os primeiros caídos em 1954, o Subchefe Aniceto do Rosário e o polícia António Fernandes, assassinados em Dadrá, antiga colónia portuguesa, quando da ocupação militar da Índia, nascendo assim os chamados "Heróis de Dadrá".

Aniceto do Rosário foi condecorado a título póstumo com a Ordem Militar da Torre e Espada. 

Mortos em Combate

GOA

Abel dos Santos Rito Ribeiro, Alf Mil
António Baptista Xavier, 1Cabo
António Crispim de Oliveira Godinho, 1Cabo
António Duarte Santa Rita, 1Sarg
António Fernando Ferreira da Silva, 1Cabo
António José Abreu Abrantes, Alf Mil
António Lopes Gonçalves Pereira, Alf Mil
Cândido Tavares Dias da Silva, 1Cabo
Damuno Vassu Canencar, Sold
Fernando José das Neves Costa, Sold
José A. Ramiro da Fonseca, Fur Mil
José Manuel Rosário da Piedade, 1Gru
Lino Gonçalves Fernandes, 1Cabo
Manuel Sardinha Mexia, Sold
Mário Bernardino dos Santos, Sold

DAMÃO

Abel Araújo Bastos, Sold
Alberto Santiago de Carvalho, Ten
Jacinto João Guerreiro, Sold
João Paulo de Noronha, Guarda 2.ª Classe
Joviano Fonseca, Guarda Auxiliar
Paulo Pedro do Rosário, Guarda Rural
Tibúrcio Machado, Guarda Rural

DIU

Aníbal dos Santos Fernandes Jardim, Mar
António Ferreira, Mar
Jorge Manuel C. de Oliveira e Carmo, 2Ten



O Major-General Gespal (Sikh), primeiro comandante do Campo de Prisioneiros de Pondá, ao centro, tendo à sua esquerda o Capitão-de-Fragata José Pinto da Cruz, imediato do aviso "Afonso de Albuquerque", comandante dos prisioneiros. À sua direita o Major Francisco de Morais, que durante a invasão comandou o Agrupamento Centro.

Foto: Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1962, F. Morais



No exterior, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, prestou-se homenagem com deposição de coroa de flores, os toques aos Mortos, Silêncio, Alvorada, Hino da Liga dos Combatentes e Hino Nacional. Foto: Isabel Martins

As minhas memórias da Operação “Mundo Novo”, em Cabinda



Emídio Ferreira de Aguiar
Tenente-coronel

Quando nos primeiros dias de agosto de 1970 iniciei a minha comissão em Angola fui parar ao Bata Sano, um monte sobre a povoação do Bucozau. Pertencia à CCAÇ 2739 do BCAC 2919. Era alferes miliciano, comandante do 1º grupo de combate, mas fosse um simples soldado, que aqui tinha a mesma importância. A situação da minha subunidade, de reforço ao batalhão, era naquele momento pouco arriscada. Porém, logo a 15 do mesmo mês, tudo ia mudar, com a formação do Agrupamento Alfa, constituído pela minha companhia, comandada pelo então capitão Rui Fernando Ribeiro de Lucena Coutinho, reforçada por dois grupos de combate da CART 2616 e um da CCAÇ 2740, para além do Pelotão de Engenharia 2580. Preparámo-nos então para iniciar a operação “Mundo Novo”, naquela que seria a sua 1.ª Parte. Havia ainda um Agrupamento Beta, radicado no Tchivovo, onde estava sediada a CCAÇ 2738, a garantir a nossa segurança afastada, e um Agrupamento Charlie, com base na CCAÇ 2570, a ocupar o Chimbete, com o encargo da segurança próxima.

Fomos ocupar o acampamento do Caio, nas imediações do Buco-Zau, um espriado no meio da mata, onde algumas árvores ainda tinham ficado de pé. As instalações eram precárias,

só a cantina estava instalada num barracão de madeira. Os oficiais viviam numa tenda 16P, os sargentos nas cónicas e as praças, salvo algumas exceções, nas 3P que montaram à volta do acampamento, integradas na sua segurança. Estávamos em plena mata do Maiombe, o clima era insalubre e, para além do inimigo, os mosquitos eram uma ameaça constante. Dor-

míamos em colchões de ar, altamente incómodos, que frequentemente se esvaziavam durante a noite, deixando-nos a dormir ou acordando-nos em cima da terra batida. O acampamento era iluminado por um gerador elétrico, possuindo potentes holofotes distribuídos pelo seu perímetro, projetados para o exterior, com os quais se pretendia reforçar à noite a segurança. Sema-



Mapa de Cabinda com a zona a que se refere este artigo à volta do Bucu-Zau.

nalmente tínhamos a possibilidade de desfrutar de uma sessão de cinema na Fazenda Alzira, ali ao lado, onde se cultivava café do tipo “robusta”. Cada dia iam para a frente de trabalhos quatro três grupos de combate montar a segurança ao pelotão de engenharia, que se fazia acompanhar por pesadas máquinas: retroescavadoras, cilindros, moto-niveladores e uma camioneta de carga. Depois da tropa instalada um grupo de combate regressava ao acampamento. Nomeados por escala, no acampamento ficava um grupo de combate de serviço interno, um de piquete, um de reserva e um de descanso. Cerca das seis da manhã, lá seguíamos a frente de trabalhos montar a segurança à engenharia. Devidamente equipados e armados, progredíamos em coluna por um, respeitando as regras de segurança, com os combatentes distanciados uns dos outros cerca de cinco metros. Cada militar levava a sua vara de ferro (verguinha), afiada bem na ponta, para detetar as minas durante a sua progressão. Ir à frente era um risco enorme. Nessas alturas o coração batia mais forte, o perigo espreitava, a tragédia podia estar a um passo. Muitos se aproveitavam das pegadas do homem que ia à frente para não serem surpreendidos por qualquer mina antipessoal, embora o rebentamento de uma emboscada fosse uma questão de não pôr de parte. Eu, normalmente ocupava entre o sexto e o nono lugar. Chegados à frente de trabalhos, fazíamos o reconhecimento ao local e montávamos a segurança, iniciando a engenharia a sua faina. Havia um calor abafado e o *miruí*, giria com que designávamos os mosquitos, atacava sem descanso. O pessoal levava pastas repelentes, mas estas não eram muito eficazes, e aqueles insetos, frequentemente, pregavam-nos profundas ferroadas deixando-nos auréolas vermelhas nos braços, na cara e no pescoço. Como a estadia na mata era prolongada, pois só regressaríamos à uma da tarde, levávamos um pequeno reforço alimentar constituído por um sumo e uma sandes, normalmente de chouriço, que comíamos ao meio da manhã.



Uma vista do acampamento do Caio, rudimentar, com árvores ainda pelo meio.

O trabalho de engenharia começava pela desmatação que envolvia algum perigo, pois, algumas árvores eram enormes, e mais altas do que pareciam à primeira vista, nem sempre caíam para o lado pretendido e arrastavam outras mais pequenas consigo. Nesses dias, o alferes engenheiro tinha de estar presente, nesta fase dos trabalhos todo o cuidado era pouco. Depois seguiam-se os aterros e desaterros, a compactação, os arranjos finais. A terra ali era pouco pedregosa. O mais difícil ainda era arrancar as gigantescas raízes das árvores. Cada dia a frente de trabalhos se ia afastando do acampamento, tornando mais morosa a ida e a

“Muitos se aproveitavam das pegadas do homem que ia à frente, para não serem surpreendidos por qualquer mina antipessoal...”

vinda. Sofri ali bastante. O ambiente era inóspito, dormia-se mal, durante a noite o colchão de ar frequentemente esvaziava-se, e ficávamos a dormir sobre a terra batida. Depois, a minha madrinha de guerra deixou de me escrever, naquele tempo era uma loura linda, com

um sorriso acolhedor e umas risadas que me faiscavam na alma, foi como se me tivessem tirado o chão que pisava, o mundo ficou de repente sem interesse. Andei por lá menos bem.

O então capitão Lucena Coutinho ainda me mandou à Fazenda Alzira ver um filme de Charles Bronson e Liv Ullmann, *Desejo Assassino*, para me ver animar, mas o filme, embora bom, era deprimente, fiquei na mesma.

Em 16 de agosto, estávamos a iniciar a comissão e, pelas 07:40, sofríamos a primeira emboscada. Um grupo de observadores do inimigo já nos andava a estudar há vários dias e ia ter ocasião de nos testar. As forças do MPLA, estimadas entre 25 a 30 elementos, ocuparam os morros do lado esquerdo da picada de onde poderiam retirar rapidamente para o Congo Brazzaville, que não ficava longe, e iniciam o ataque. Os nossos homens abrigaram-se por onde puderam e reagiram prontamente, tendo o inimigo retirado ao fim de 30 minutos, não se sabendo com que baixas. Usou armas automáticas e os temíveis RPG2, deixando no local 8 quilos de explosivos que não chegaram a explodir, ao que se julga por deficiente montagem. Pouco depois, havendo o reconhecimento de que o inimigo já não estaria ali, progrediu-se até à frente de trabalhos, onde se prosseguiu com as tarefas do dia. Sofremos apenas um ferido ligeiro. Dada a densidade da mata não houve perseguição das forças inimigas, nem tal seria aconselhável, devido à dificultosa penetrabilidade na



Uma vista do acampamento de M'bundo.

floresta e o desnivelamento do terreno.

Este relativo fracasso dos nossos adversários deu-nos algum alento. Afinal eles não eram tão perigosos como diziam. Tiveram-nos ali à mão, podendo desencadear a emboscada com todos os vagares, e nem sequer tiraram proveito do fogo inicial. De qualquer modo, deu para ver que vinham bem armados e estavam razoavelmente organizados. O fogo intenso que desencadeámos para cima deles fê-los retroceder rapidamente. Eles viram que não tinham forças suficientes para atacar os três grupos de combate, que, rapidamente se transformaram em seis, com os reforços vindos do acampamento, lançando para os morros em redor uma nuvem de munições e granadas capazes de os matar a todos, caso não se abrigassem. Além disso, tiveram a oportunidade de verificar que estávamos a progredir seguindo as regras, com o pessoal bastante espaçado, não aos magotes, qualquer rajada que fizessem na nossa direção, qualquer granada que lançassem para o meio de nós eram ações que nunca seriam muito compensadoras.

No dia seguinte os trabalhos prosseguiram. Quatro grupos de combate iam montar a segurança à engenharia, e um, depois da tropa operacional instalada, regressaria. Vai a comandar a força, nesse dia, o capitão Lucena

Coutinho. Ele próprio quis tomar parte nessa saída, dada a perigosidade que via nela. Na frente da coluna vai o 1.º grupo de combate da CCAÇ 2739, por mim comandado. Progredia-se com toda a precaução, três quartos de hora depois, estamos na frente de trabalhos, uma área enorme já desmatada, rodeada de árvores de grande porte. Com todos os cuidados, começamos a instalar as secções na orla da mata, nalguns sítios elevada. A primeira secção ia ficar no lado direito, comandada pelo furriel Victor Nogueira, e a segunda no lado esquerdo, comandada pelo furriel Evaristo Vieira. Estávamos a seguir para os lugares que iríamos ocupar quando, de repente, se ouve uma explosão. Não se sabia bem o que tinha acontecido, porque a área era bastante vasta, até que se nota um fumo negro do lado esquerdo da picada que dava para o Chimbete e, lá em cima, se destrinça alguém a gemer. O soldado Lourenço da Conceição Bernardo tinha pisado uma mina, ficara sem um pé, vendo-se a carne cinzenta com um cheiro repulsivo a carne assada e a extremidade dos ossos da perna à mostra. Chegou-se logo a ele o socorrista e, pouco depois, o médico, que lhe fizeram o tratamento que havia a fazer nestas circunstâncias. Foi chamado um helicóptero para o evacuar. Levaram-no de seguida para o hospital

da Fazenda Alzira de onde foi, pouco depois, evacuado para Cabinda.

Naquela manhã, os trabalhos prosseguiram, mas o moral do pessoal tinha sido afetado. Uma nuvem de tristeza sobrevoava o interior das nossas almas. Aquele acionamento da mina podia ter acontecido a qualquer um de nós. Mais tarde soubemos que perdera a perna, embora os danos visíveis se tivessem ficado pelo pé. Com a azáfama e tensão com que andávamos, nem tivemos disposição nem condições para depois acompanhar devidamente o seu processo de recuperação na Metrópole. Segundo alguns, ele, embora sem o pé, já se safara daquela guerra, enquanto nós ainda não sabíamos se íamos lá deixar os costados. No dia seguinte, o primeiro grupo de combate instala-se no mesmo lugar para montar segurança aos trabalhos e eu segui para o local onde tinha rebentado a mina. Peguei na pica, que usava com os demais nas suas progressões na picada para a deteção de engenhos explosivos e, fazendo uma picagem à zona, uma hora depois descobri ali um campo de minas. Assinalei a primeira com ramos de árvore. Prepara-se para a levantar quando o furriel Nogueira, com mais experiência nesta área, e que não queria que eu corresse riscos, a levantou. Mas havia mais. Nos dias que se seguiram, bastante quentes e

abafados, sob o constante ataque dos mosquitos, continuou-se com a operação, com o pessoal bem consciente do risco que corríamos. Em 7 de Setembro, pelas 07h00, iniciou-se a mudança do Agrupamento Alfa do acampamento do Caio para a região de M'Bundo. Nesse dia estiveram envolvidos em diversos patrulhamentos: o "Agrupamento Beta", garantindo a segurança afastada e o "Agrupamento Charlie" a velar pela segurança próxima, tendo a transferência decorrido sem incidentes. Tivemos que nos mudar já que a frente de trabalhos estava muito afastada do acampamento, fazendo-nos perder demasiado tempo nas nossas deslocações diárias, para além de aumentar o risco de acionarmos minas ou sofrermos mais uma emboscada. Como adjunto da companhia ainda cheguei a comandar o agrupamento durante um ou dois dias, quando o meu comandante teve de ir a uma reunião de comando mais demorada a Cabinda. Ao fim da terceira refeição lá me reuni com os comandantes dos cinco grupos de combate e o comandante do pelotão de engenharia para se programar a atividade do dia seguinte. Era uma enorme responsabili-

“

Eles tinham uma emboscada marcada para esse dia, assim foi determinado pelos seus delegados políticos e comandantes militares...

de. Em M'Bundo o acampamento tinha melhores condições de segurança, a zona de trabalho ficava mais próxima, mas foi-se alongado, e em 19 de outubro de 1970, pelas 06h45, sofremos a segunda emboscada, ao que se julga por uma força de cerca de 70 elementos – seria um bi-grupo. Desta vez eles vinham mais bem preparados, ou assim se julgavam, e em maior número. Ocuparam, como seria de esperar, o lado esquerdo da picada, já desmatada, mas a alguma distância. Eles já tinham testado o nosso potencial de fogo.

Conheciam-nos bem, pois era sabido já nos andarem a observar há vários dias, o que não lhes era difícil, já que nos dispensávamos de penetrar naquela mata, quase intransponível. Eram guerrilheiros que ainda não conheciam muito bem a zona, recrutados que foram a Sul, fora do Enclave, entre os kimbundos e kilongos, pois, o MPLA não tinha muito apoio entre cabindas, a pensarem naquele tempo numa independência separada, que pretendiam legitimada pelos tratados com o Governo Português, como o de Chifuma em 1883, de Chicambo em 1884, e de Simulambuco, em 1885. Eles tinham uma emboscada marcada para esse dia, assim foi determinado pelos seus delegados políticos e comandantes militares, mas sabiam que iam enfrentar uma força de mais de cem homens disciplinados e bem armados, temeram-se, instalando-se muito lá atrás. Ao fazerem esta opção, as munições das suas Kalashnikov e RPG2 acabaram por passar por cima das nossas forças. Além disso, nós abrigámo-nos de imediato atrás de qualquer tapume ou tronco de árvore que a engenharia tivesse deixado por ali dispersos.▶



O meu grupo de combate desfalcado. Eu sou o 8.º de pé, a contar da esquerda. A fotografia foi tirada à pressa depois de termos chegado ensolarados da mata.



O pelotão sanitário do batalhão. O alferes Silvério Marques é o 2.º a contar da esquerda.

A frente da emboscada chegou a atingir dois quilómetros de extensão. Chegaram a estar ali a reagir à emboscada seis grupos de combate, para além do pelotão da engenharia. Mesmo fazendo fogo mais ou menos ao acaso, para onde nos parecia ouvir disparos, despejámos para ali tantos milhares de munições de G3, tantas granadas de mão, de morteiro e de lança-granadas, que algumas acabaram por os atingir. Foi esta a razão que demorou tanto a emboscada, soubemo-lo mais tarde. Eles tinham de evacuar os seus feridos, alguns graves, e iam fazendo fogo, nem que fosse para o ar, para nos deterem cá em baixo. Nós, ao ouvirmos os seus disparos, ripostávamos, pois, no meio daquela refrega em que o inimigo não se calava, não podíamos abandonar a luta. Por outro lado, uma estranha emoção se apossou de nós, durante muito tempo não soubemos se já teríamos ou não baixas.

Havia o receio de avançarmos de encontro às forças atacantes, já que a mata era um labirinto, sendo para nós um suicídio tentar entrar nela naquela altura, tanto mais que certos trilhos de penetração, também chamados “fiotes”, estavam minados por nós, ou porventura por eles. O capitão Lucena

Coutinho, algo nervoso, mas decidido, ainda tentou ir à frente contorná-los pela picada de Sanga Mongo. Passou por mim e perguntei-lhe se ele queria que eu empreendesse qualquer ação. Ele pediu-me apenas mais uma secção para o acompanhar, e lá avançou com ela. Mas mesmo lá à frente a mata era densa e, se junto à picada o solo parecia plano, ao penetrar nele ora subia ora descia abruptamente. Além disso, só era penetrável à força de catanada, e tendo a frente de combate cerca de dois quilómetros, ele ao entrar por ali na mata podia vir a ficar sob o fogo das suas próprias tropas, que, na estrada já aberta, tentavam ripostar ao fogo inimigo. Sendo assim, depois de quase cinco horas de combate voltou a zona desmatada, fez um estudo da situação e, como não havia baixas entre o nosso pessoal, ligou para o batalhão, mandando a seguir suspender o fogo. Alguém disse ter visto fugir, mesmo ali à frente, um guerrilheiro, mas ainda hoje há dúvidas de este avistamento ser apenas uma ilusão. Na altura não sabíamos bem quantos homens teríamos pela frente, mas em 4 de Novembro, a nossa rede de informações confirmou que o inimigo tinha sofrido 8 feridos graves. Faz-se votos que não tenham

havido mortos que deixaram por lá enterrados na mata, que algumas fontes de informação fizeram constar, pois, a nossa intenção nem sequer era essa, o que queríamos era vê-los longe da nossa zona de ação. Bem, a partir dali a CCAÇ 2739 ficou a ser bem conhecida e temida pelo inimigo, que fez referências aos “Lenços Amarelos” na sua estação de Rádio a emitir a partir do Congo Brazzaville. O brigadeiro, comandante de sector, fez um pequeno reparo à duração da emboscada e ao exagero das munições gastas, mas estas, bem ou mal lá cumpriram o seu objetivo. E o inimigo, perante este seu desaire não mais nos voltou a atacar até ao fim da comissão.

Em 4 de dezembro, já iniciada a época das chuvas, tivemos de parar com a operação, ficando a picada rasgada até quase ao Chimbete, apenas com pequeno troço por compactar. Todavia, a ponte de cimento armado sobre o rio Necuto ficou concluída, o que significou um acréscimo na segurança para a companhia sedeadada no Chimbete, a CCAÇ 2570, pouco depois substituída pela CCAÇ 2740, embora durante a sua construção se tivesse a lamentar a morte por acidente de um soldado de engenharia, que deu o nome à ponte. Regressámos então à sede do batalhão, ao Bata Sano, onde permanecemos até 22 de Fevereiro de 1971, como Companhia de intervenção, deixando um grupo de combate a reforçar a Companhia sedeadada no Chimbete até 11 de Dezembro. Foi um período relativamente calmo, onde estreitamos as relações com a Companhia de Comando e Serviços do batalhão. Algumas vezes descemos até ao Buco-Zau às lojas, onde se vendia de tudo numa mesma loja, desde tecidos, roupa e calçado, até géneros alimentícios e alta-fidelidade, ou mesmo tijolos e cimento. Havia nas suas imediações lindas mulheres oferecidas, algumas com filhos mestiços, rebentos militares de outros batalhões por ali passados.

Finalmente a minha companhia ia ocupar uma zona de quadrícula no Tchivovo. No ano seguinte iria iniciar-se a operação “Mundo Novo – 2.ª Parte”

com um agrupamento feito a partir da CAÇ 2738, comandada pelo então capitão David Manuel de Matos Martelo, desse encargo estávamos livres. Mas para mim a operação “Mundo Novo” ainda me iria trazer mais dissabores, quando em 8 de Agosto de 1972, na operação “Mundo Novo – 3ª Parte”, o jipe do comandante da CCAÇ 3408 foi emboscado. Pereceram ali, à vista do acampamento do “Morro da Engenharia”, o capitão de infantaria António Alberto Rita Bexiga, o alferes médico Miguel Barroso Silvério Marques e o furriel miliciano Silvério Verdial Caldeira. Perante tal desastre, a minha companhia ainda teve de destacar para ali um grupo de combate a fim de reforçar e moralizar aquela companhia, atingida por tão infaustas perdas, e coube-me a mim, alferes Emídio Aguiar, ir comandá-lo.

O meu grupo de combate foi nesse dia almoçar no Morro da Engenharia, onde estava estacionado o agrupamento. Não havia máquina de café e comemos na marmita. À noite fomos dormir à sede da companhia, no Chimbete, um local insalubre, mas com fácil reabastecimento de água e propício a uma boa defesa. O ambiente era pesado, ainda que os mortos já tivessem sido recolhidos para a sede de batalhão, observei neles olhares distantes, nenhum sorriso nos lábios, e aquela situação de revolta nos rostos, apavorante. Passei parte da noite no bar de oficiais e sargentos, comum, construído a partir de toros de madeira descascados, e coberto de palha. Com o calor que ali se fazia sentir era agradável. Havia meia dúzia de mesas onde se jogava às cartas, Sueca, Bridge, Rami – olhos desviados sobre as cartas, muitas garrafas de cerveja nas mesas de apoio, rostos empedernidos e frios, como se não tivesse passado nada. A iluminação fusca, vinda de candeeiros psicadélicos, deu-me a ilusão de estar a fazer parte de um filme da Guerra do Vietname. No dia seguinte, à vinda, passámos pela sede do batalhão. O comandante, Tenente-coronel Álvaro Jorge Rogado Quintino, não se encontrava no gabinete, o alferes de operações, major Agostinho da Costa



O estado do jipe do capitão António Alberto Rita Bexiga, após o ataque.

Alcobia, com quem tinha uma especial simpatia, pois gostava de música clássica e de Vivaldi, estava na sala de operações, atarefado, nem houve tempo para falar. Fui beber uma cerveja fresca ao bar de oficiais. Os mortos estavam ali numa arrecadação sombria, no lado esquerdo do arruamento do quartel, quando se descia para o Buco-Zau, à espera de lhe darem o devido destino. Eu conhecia o capitão António Bexiga, de quando ele estivera no Massabi, na Costa Atlântica, quando ele me tentou ajudar num reabastecimento de víveres, e o alferes Silvério Marques, filho do então Governador Geral de Angola, médico atencioso, sabedor e bem-humorado, que pertencia ao batalhão, e ainda os queria ver uma última vez. Contudo, alguém me veio dizer que era preciso ir buscar as chaves, e que eles talvez ainda não estivessem preparados para serem vistos. Eu esperei um bom bocado, mas como demorassem tive de regressar ao quartel do Tchivovo sem os ter visto, cansado, desiludido e triste. Contudo, as peripécias resultantes da operação Mundo Novo não terminariam ainda aqui. Em 2008 fui contactado pela filha do capitão Bexiga, Constança Bexiga, ela tinha curiosidade em conhecer o pessoal da companhia do pai, supondo que fariam

almoços anuais. Acontecia que aquela companhia era constituída por oficiais e sargentos continentais, e praças na sua maioria madeirenses, não era fácil localizá-los. Ela tomara conhecimento que eu tinha escrito a história da minha companhia, onde se fazia uma referência ao seu pai, havendo ali uma foto de como tinha ficado o jipe sinistrado depois do ataque, e queria saber mais sobre aqueles militares e ouvir deles evocações do seu progenitor, que mal conhecera. Era preciso ir a Lisboa ao Arquivo Geral do Exército, e ela vivia no Sul de Portugal. Eu, que tinha andado por lá, quando fiz investigação para o meu romance Viagem ao Fim do Império, consegui passar outra vez por lá e obter mais alguns dados e uma relação do pessoal da companhia, que lhe enviei pelo correio. Finalmente, ela conseguiu localizar alguns elementos pertencentes àquela subunidade e estar presente num almoço comemorativo da CCAÇ 3408. Soube mais tarde que os ex-militares da companhia, uma geração mais velha do que ela, ficaram felizes por a verem ali, afinal nem tudo tinha morrido do capitão António Alberto Bexiga, e deram-lhe um lugar de destaque na mesa, que caberia ao pai, como se ela agora fosse a sua comandante. ■

Torres Vedras

Carrasqueira – S. Domingos de Carmões inaugura memorial aos Combatentes

Amanhã do passado 1 de dezembro ficou assinalada pela população da aldeia de Carrasqueira, na antiga freguesia de São Domingos de Carmões, atualmente União de Freguesias de Carvoeira e Carmões no concelho de Torres Vedras, ao protagonizarem uma homenagem pública aos seus conterrâneos que faleceram no ultramar.

Uma homenagem singela que contou com o apoio organizativo do Núcleo de Torres Vedras da LC, mas de grande e sentido significado para aquelas gentes que, numa terra tão pequena, viram partir três dos seus filhos em nome e serviço da nação, a que cresceram mais dois em localidades vizinhas.

As cerimónias iniciaram-se com uma homilia na capela local, seguida do descerramento de uma placa-memorial no centro da localidade, onde marcaram presença autarcas locais e municipais, assim como, a LC representada pelo seu Secretário-geral, Coronel Faustino Lucas Hilário e pelo Núcleo de



Torres Vedras, com o seu corpo diretivo, acompanhados de diversos combatentes. Uma guarda de honra militar

vinda de Mafra deu ainda uma maior dignidade à homenagem perante a população local que se mobilizou. 

Portalegre

Homenagem aos Combatentes

No dia 27 de novembro, decorreu no Município do Gavião, uma Cerimónia de Homenagem aos Combatentes do Concelho. Este tributo, realizou-se pelo 15.º ano nesta Vila, onde o Núcleo de Portalegre possui um dos mais coesos e entusiastas grupos de sócios Combatentes. A Direção do Núcleo participou nesta cerimónia que contou com a presença das Autoridades Cívicas, Religiosas, Combatentes e população local. Do programa das cerimónias constaram, uma Romagem ao Talhão dos Combatentes, com deposição de flores e um minuto de silêncio, colocação de uma coroa de flores no Mo-



numento aos Combatentes na Vila do Gavião e uma missa em homenagem a todos os Combatentes falecidos.

Seguiu-se um almoço-convívio com a participação de cerca de 60 Combatentes e familiares. De salientar que o

Monumento aos Combatentes da Vila do Gavião, inaugurado no ano 2018, foi alvo de uma requalificação “cirúrgica”, onde foram incorporados ou substituídos elementos, com materiais de maior perenidade. 

Viseu

Exposição “2 Séculos, 4 Conflitos”

Decorreu, no passado dia 11 de fevereiro, a inauguração da exposição “2 Séculos, 4 Conflitos”, que contou com a presença das autoridades Políticas, Militares e Forças de Segurança da cidade de Viseu.

A exposição pretende retratar a evolução do fardamento, equipamento e armamento individual em 4 conflitos dos últimos dois séculos: Guerra Peninsular, Primeira Guerra Mundial, Guerra do Ultramar e mais recentemente as Forças Nacionais Destacadas.

A exposição tem caráter permanente, a que se junta ao já existente e contribui significativamente, para o enriquecimento do património já existente no Núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes.

A cerimónia começou com o Presidente do Núcleo, Tenente-coronel António Gabriel, a dar as boas vindas,



a que se seguiu uma explicação detalhada da exposição. Antes do Dão de Honra, a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Viseu – Dr.ª Leonor

Barata, agradeceu o convite e enalteceu o trabalho da Direção, na dignificação do espaço museológico e na defesa do legado histórico. 

São Miguel e Santa Maria

Dirigentes do Núcleo das Ilhas de São Miguel e Santa Maria apresentam cumprimentos a Pedro Nascimento Cabral

O Presidente da CM de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, recebeu, em audiência, os dirigentes do Núcleo das Ilhas de São Miguel e Santa Maria da LC. Manuel Cruz Marques e o Coronel José Salgado Martins deslocaram-se aos Paços do Concelho para a apresentação de cumprimentos ao autarca. Aproveitaram a ocasião para partilhar uma proposta para a reabilitação e classificação como monumento de interesse municipal do Forte da Salvação de Santa Clara “Castelinho”. Trata-se de um “pequeno mas significativo” exemplar da arquitetura militar do século XVI/XVII, como é referido na proposta.  norevista.pt





Orquestra Ligeira do Exército visita Combatentes do Norte

A Liga dos Combatentes (LC) através do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes (NPLC), com o apoio dos Núcleos de Braga, Coimbra, Espinho, Lamego, Lixa, Macedo de Cavaleiros, Maia, Marco de Canaveses, Matosinhos, Oliveira do Bairro e Penafiel e do Exército, realizou um Concerto Solidário na Casa Música do Porto, no dia 26 de fevereiro do corrente ano.

O Concerto teve como audiência privilegiada associados da LC e seus familiares e amigos e foi superiormente executado pela Orquestra Ligeira do Exército (OLE), na maior sala da Casa da Música, sala Suggia cedida de forma graciosa, que, mesmo com os seus mil lugares sentados, foi pequena

para albergar este grande evento musical do período pós COVID. Às 21h00 horas em ponto, os acordes afinados dos 22 músicos fizeram-se ouvir superiormente dirigidos pelo Maestro da OLE, SCh Cândido Ameixa, entrando de seguida em palco os três vocalistas da mesma, formando um conjunto harmonioso, melódico e sinérgico. Durante mais de hora e meia deliciámo-nos com uma panóplia de temas musicais diversificados de música ligeira estrangeira e portuguesa de excelência, sabiamente interpretados pelos músicos e vocalizados pelo "Rouxinol", SCh João Campos e pelas "Cotovias", 1Cabo Lina Rodrigues e Soldado Alice Costa, que para além de fazerem o gáudio, induziram no

público presente sentimentos de entusiasmo, alegria, partilha, emoção, paz, felicidade e bem-estar. Todas as referências colhidas no final do espetáculo e nos dias subsequentes ao mesmo, foram unânimes em considerar que a OLE espalhou magia, ao longo de uma noite que se tornou inolvidável e que perdurará por muito tempo na memória de todos os que tiveram o ensejo de acorrer à Casa da Música no Porto.

A performance da OLE foi determinante para o êxito desta iniciativa cultural, sendo apontada como uma experiência musical multifacetada, fora da caixa, e do agrado de todos os intervenientes, quer na organização e coordenação do espetáculo, quer enquanto ouvintes estarecidos

do mesmo. Anunciado o término, e quando o público já gritava: Só mais uma! O Presidente da LC, TGen Joaquim Chito Rodrigues, tomou a palavra endereçando os agradecimentos da praxe, iniciando pelo Comandante de Pessoal do Exército, na pessoa do TGen Eduardo Manuel Braga da Cruz Mendes Ferrão, em representação do General Chefe de Estado-Maior do Exército, e em seu nome pessoal, não só pela autorização para a participação da OLE, mas também pela disponibilidade manifestada em apoiar as cerimónias da Liga desde a primeira hora. Seguiram-se a Câmara Municipal do Porto (CMP), na pessoa da Vereadora detentora do pelouro dos transportes, Dra. Cristina Pimentel, o Presidente da Assembleia Municipal da CMP, Professor Sebastião Feyo de Azevedo, o Bispo do Porto, S.E.R. D. Manuel Linda, a Direção da Casa da Música, na pessoa do seu Presidente, Dr Rui Amorim de Sousa, a todos quantos nela trabalham e contribuíram

para o concerto, às demais entidades presentes, continuando com rasgados elogios, amplamente aplaudidos pelo público, à OLE, à Direção do Núcleo do Porto pela inaudita iniciativa, rematando com uma referência especial a todos os associados presentes, e aos que, não sendo associados aceitaram o desafio de participarem no concerto e que, de certa forma partilham, em parceria com a Liga dos Combatentes, o designio de apoiar e ajudar os combatentes mais carenciados de todos os tempos.

Antes da entrega de lembranças ao maestro Cândido Ameixa e à OLE e ramos de flores aos vocalistas, ainda houve tempo para um pequeno discurso "combatente", inflamado de patriotismo, pelo Presidente da LC e lugar a um minuto de silêncio em memória de "Aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando", nomeadamente nos campos da Flandres, no ex-Ultramar, na ex-Jugoslávia, na Bósnia-Herzegovina,

no Kosovo, no Iraque, no Afeganistão, em Timor, no Mali, na República Central Africana e um pouco pelos quatro cantos do mundo, onde o "Pano Verde Rubro" ondula nos ventos da fama, na condução de Operações de Apoio à Paz e Humanitárias sob a Égide da Organização das Nações Unidas (ONU), da Organização do Tratado do Atlântico Norte OTAN ou de Coligações Multinacionais legalmente constituídas, bem como daqueles envolvidos na guerra recente entre a Rússia e a Ucrânia. Este momento singelo, evocado na posição de "sentido", criou um frémito e um acumular de energia positiva que explodiu num entusiástico aplauso, de todos e para todos os que nele participaram. De seguida a OLE presenteou-nos com mais alguns temas que nos trouxeram para a realidade e para um regresso a casa, com o sentido de satisfação e do dever cumprido.

Liga dos Combatentes, Valores Permanentes! Liga dos Combatentes em Todas as Frentes! 

Cerimónia de Homenagem ao Resistente da 1.ª Invasão Francesa, Jacinto Correia

No dia 25 de janeiro de 2022 teve lugar a cerimónia de Homenagem ao Resistente da 1ª Invasão Francesa, Jacinto Correia, junto ao local onde foi executado, no Jardim da Alameda em frente à Porta de Armas da Escola das Armas. Esta cerimónia, em apoio ao Clube Militar de Oficiais de Mafra, contou com a presença do General Pina Monteiro e do Vereador António Felgueiras da Câmara Municipal de Mafra, o Presidente da Junta de Freguesia da Atouguia de Baleia, António Salvador, do Presidente do Clube Militar de Oficiais de Mafra, Coronel Vicente Fernandes, dos membros da Direção do Núcleo de Mafra da Liga dos Combatentes, do 2.º Comandante da Escola, Coronel Tirolcinado Mário Álvares e de familiares e amigos do Resistente Jacinto Correia.

Após a intervenção do Presidente do Clube Militar de Oficiais de Mafra, foi depositada uma coroa de flores e lida a oração pelo Capelão da Escola das Armas, Capitão Costa. Desta forma, foi uma vez mais prestada homenagem ao homem humilde, honesto e Jornaleiro de profissão, nascido na Zambujeira da Lourinhã, que durante a 1ª Invasão Francesa e na eminência de ser fuzilado exclamou, *"se todos os Portugueses fossem como eu, não ficaria um francês vivo"*.



NINGUÉM ESTAVA À ESPERA, E AGORA?

Agora, muitas dúvidas se levantam mas estaremos à sua disposição, 24h por dia, para o apoiar.

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA MEMBROS DA LIGA DOS COMBATENTES E FAMILIARES

Na contratação do **SERVIÇO FUNERÁRIO**

Na subscrição de um **PLANO FUNERAL EM VIDA**

Planear faz parte da vida.

Liberte a sua família de qualquer encargo ou preocupação.



Sempre do seu lado

800 204 222

www.servilusa.pt



A Condecoração do Professor Doutor Manuel Teixeira Amarante Júnior



Fernando Reis Lima

Alf Milº Médico em 1961/63

O Professor Doutor Manuel Teixeira Amarante Júnior foi, através de toda a minha vida, um dos meus mais queridos mestres e amigos que, quis o destino, me fosse dado a conhecer, primeiramente no Colégio de Almeida Garret e mais tarde na Faculdade de Medicina e no Hospital de S. João da Cidade do Porto.

Era o, à época, Manuel Amarante, um dos grandes pois já andava no antigo 6º ano (atual 10 ano) e eu um dos pequenos da 3ª classe (3º ano atual). Só uma circunstância casual fez com que ficasse, desde aí, meu amigo.

Durante uma cena de pugilato desencadeada por motivos fúteis, entre miúdos «grandes» e «pequenos», interveio o Manuel Amarante separando os «pugilistas», protegendo os «pequenos» de quais eu fazia parte.

Só mais tarde, quando como assistente e preletor, nas aulas práticas de Propedêutica Cirúrgica, do 4º ano do Curso da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, sob a égide do Professor Catedrático Joaquim Teixeira Bastos, o reencontrei estabelecendo-se, desde aí, permanentes e francos laços de amizade que perduraram e duraram até ao seu infausto falecimento em 17 de julho de 2010.

O Professor Amarante, como vulgarmente era designado, em face do brilhante percurso da sua vida e em

consequência dos bons resultados obtidos, no exercício da mesma, como Professor, Diretor de Serviço e Médico, foi distinguido pelo Governo da Nação, em 2 de abril de 1993 com a medalha de Ouro de Serviços Distintos do Ministério da Saúde e pela Medalha de Honra da Ordem dos Médicos.

Era Professor Catedrático de Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Diretor do Serviço de Cirurgia 1 do Hospital de S. João.

Uma cena curiosa se passou, contudo, em 1994, quando o Professor Amarante (como era conhecido vulgarmente) se jubilou.

Quando se aproximou a data da jubilação (aos 70 anos de idade), propôs o Senhor Presidente da República, à época Doutor Mário Soares, sendo Primeiro Ministro o Professor Cavaco Silva, que além das distinções já conferidas, fosse o Professor Amarante, agraciado com o grau da Ordem do Infante D. Henrique no Dia de Portugal em Lisboa.

Foi informado do facto, tendo-lhe sido comunicado que na sala onde se procederiam às condecorações, no edifício da Assembleia da República, além dos homenageados, não poderia estar nenhum seu convidado.

O Professor Amarante, em conversa casual e muito triste transmitiu-me a informação, lamentando que nenhum familiar, nomeadamente a esposa, ou qualquer um dos médicos do Serviço de que era Diretor, poderia estar junto de si.

Fiquei a pensar no assunto e lembrei-me que um dos meus camaradas de armas, durante a minha prestação do Serviço Militar em Angola, em 1961, o Brigadeiro(Major-General) Manuel Soares Monge, oficial de Cavalaria dos

Dragões de Silva Porto com quem tinha estado na zona de Nambuangongo, estava a prestar serviço na Presidência da República. Telefonei para a Presidência pedindo para o contactar, dizendo à telefonista:

- Por favor diga-lhe que é o médico da Companhia do Comando do Batalhão 114 que esteve com ele em Angola em 1961.

As amizades estabelecidas nas circunstâncias do ambiente da Guerra ficam cimentadas por eles tão fortes que perduram toda a vida e assim, após breves minutos fui atendido pelo Brigadeiro Monge, à época, oficial às ordens e assessor do Presidente da República, Doutor Mário Soares.

Quando lhe coloquei a pretensão, da possibilidade e do desejo, de estar presente no espaço restrito onde seria aposta a condecoração ao Professor Amarante, de imediato me disse que não havia qualquer problema quanto à minha presença no espaço reservado, não sendo, porém, possível alargar a autorização para outras pessoas. Disse-me para estar na Presidência da República no dia da homenagem.

Fui de véspera para Lisboa e no dia da homenagem, dirigi-me à sentinela da Presidência identificando-me. O militar, que já tinha sido avisada da minha chegada, contactou o Chefe da Segurança da Presidência que, também já alertado, me conduziu ao gabinete do Senhor Brigadeiro por quem aguardei.

Mas o que é o destino! Um dos Chefes do Estado Maior, o do Exército, sabendo que eu estava esperando pela chegada do Senhor Brigadeiro Monge, veio cumprimentar-me.

Tínhamos estado também juntos, em Angola, em 1961!

Acompanhavam-no os Chefes do Estado Maior da Marinha e Força Aé-

rea, com quem entabulei conversa aguardando o Brigadeiro Monge que, entretanto, chegou, trajado à civil, dispensando-me, de imediato, as maiores manifestações de amizade. Durante a conversa fardou-se sempre revivendo, em animada conversa, pormenores da nossa comissão na Guerra em Angola, em 1961/63.

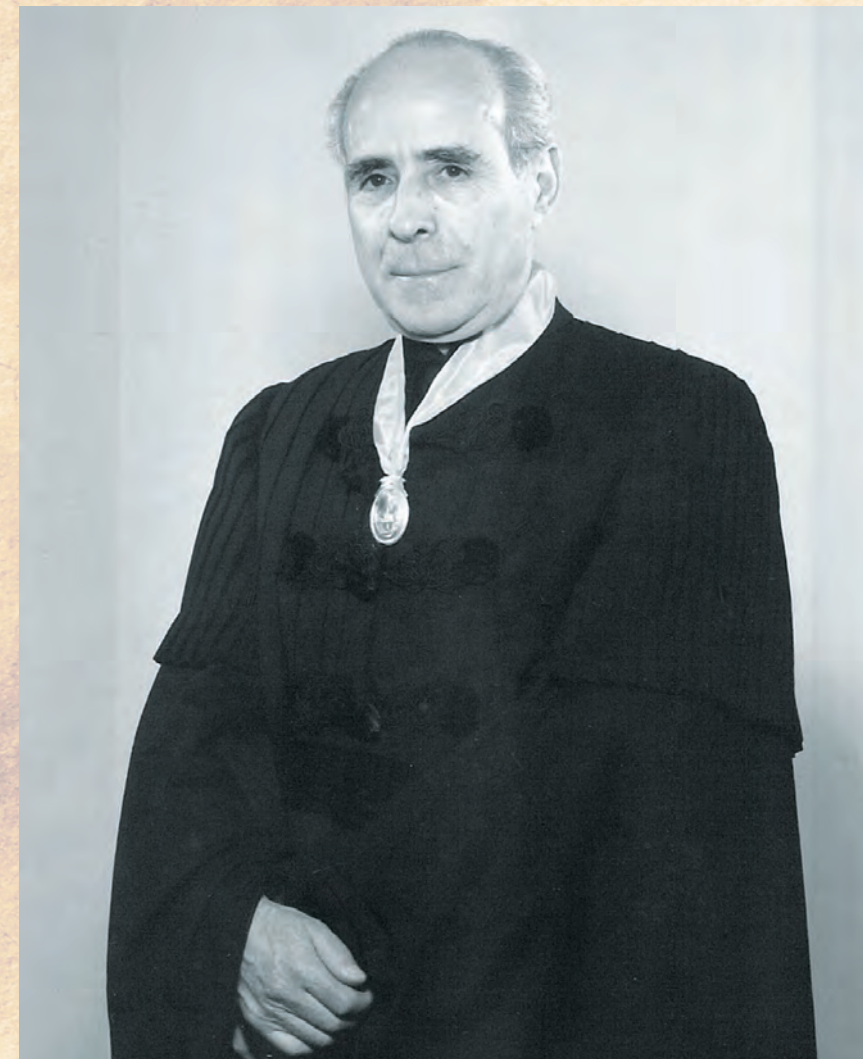
Disse-me que tinha contado ao Doutor Mário Soares que tinha autorizado a minha presença, que eramos amigos, desde que tínhamos sido combatentes em Angola, tendo o senhor Presidente manifestado vontade de me conhecer. Quando chegou o momento de nos deslocarmos para a cerimónia, na Assembleia da República, apresentou-me ao Doutor Mário Soares que me convidou a acompanhá-lo.

Deslocámo-nos ocupando o lugar devido, segundo o estabelecido no protocolo, nas viaturas postas à disposição, para a Assembleia.

À chegada, o Senhor Brigadeiro Monge disse-me que em primeiro lugar, entrava o Senhor Presidente da Assembleia, em seguida o Senhor Presidente da República e disse-me para entrar, em terceiro lugar, à frente de todas as outras individualidades, manifestando o seu pesar por não poder estar, durante a cerimónia, na minha companhia, por ter de assessorar o Senhor Presidente da República.

Numa sala, magnífica e sumptuosa, estavam sentados, ao centro o Presidente Mário Soares, o Doutor Cavaco Silva e o Senhor General António de Spínola, à época Presidente da Comissão das Ordens Honoríficas Portuguesas. Por detrás do Doutor Mário Soares estava o seu assessor Brigadeiro Monge de pé. Ao lado, estavam os homenageados, entre os quais estava o Professor Amarante.

Colocaram-me sentado na primeira fila, no meio dos ministros do Governo da época, que com grande admiração me olharam, quicá pensando que eu fosse um novo ou um putativo substituto de qualquer um deles! Ao meu lado direito, no fundo da sala e por detrás de um cordão vermelho, na primeira fila, divisava-se um dos meus colegas



Professor Doutor Manuel Teixeira Amarante Júnior

do Serviço de Cirurgia 1 do Hospital de S. João, o Professor Doutor Jorge Maciel que me olhou, arregalando os olhos, espantado por me ver para lá da barreira e na primeira fila sentado ao lado dos membros do Governo.

Assisti à cerimónia das condecorações e posteriormente procedeu-se aos cumprimentos habituais aos homenageados, desta feita já tendo sido dada permissão de acesso de todas as personalidades presentes, mas, somente, após os elementos da Presidência, membros do Governo e Assembleia se terem retirado.

Foi dos momentos mais emotivos da minha e da vida do Professor Amarante, facultada pelo Brigadeiro Monge a quem dedico uma amizade duradoura desde há muitos anos, cimentada em

circunstâncias, inesquecíveis, vividas em comum.

O Professor Doutor Manuel Teixeira Amarante Júnior, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, alvo desta homenagem ao nível Nacional, foi um destacado elemento da Cirurgia Nacional e Portuense, que contribuiu, em muito, para a Excelência patenteada pela mesma, nas facetas teórica e prática, mas emoldurada por um humanismo, bondade e saber, que considero modelar na profissão de Médico, Universitário e Homem.

Como disse, a seu tempo, no livro «História da Cirurgia»: Homens destes, dão-nos ânimo para sempre considerar, em todas as circunstâncias, uma honra trabalhar nas Faculdades e Hospitais de Portugal.

Cerimónia de Entrega de Prémios Escolares aos Alunos dos Cursos de Formação de Sargentos dos Quadros Permanentes do Exército

Realizou-se, no passado dia 18 de fevereiro, na Escola de Sargentos do Exército, Caldas da Rainha, no Auditório "2.º Sargento José Paulo dos Santos", a Cerimónia da Entrega de Prémios Escolares dos Anos Letivos 2019/2020 e 2020/2021, aos alunos do Curso de Formação de Sargentos (CFS) dos Quadros Permanentes do Exército Português.

A cerimónia foi presidida pelo Diretor de Formação, Major-general Pedro Gonçalves Soares. Estiveram também presentes nesta cerimónia, o Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha - Dr. Vítor Calisto Marques, Presidente da Junta da União de Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório - Dr. Pedro Morgado Brás, Diretor da Unidade Politécnica Militar - Brigadeiro-general Vítor Hugo Dias de Almeida, Secretário-geral da Liga dos Combatentes - Coronel Faustino Lucas Hilário, entre outras entidades civis e militares.

Foram também entregues os Diplomas e os Cintos de Cerimónia aos Segundos-Sargentos do 48.º Curso de Formação de Sargentos, que concluíram recentemente o seu curso, simbolizando o seu ingresso nos Quadros Permanentes do Exército Português.

A cerimónia terminou com a evocação do Patrono do 50.º Curso de Formação de Sargentos dos Quadros Permanentes, o Tenente-general Miguel Pereira Forjaz, Conde da Feira, que agora se constitui como uma referência para estes alunos.

Este evento coincidiu com o último dia do 1.º semestre dos alunos do 50.º Curso de Formação de Sargentos do Quadro Permanente, que marcharam para as respetivas escolas das armas e de serviços. 



Coronel Lucas Faustino Hilário, Secretário-geral da Liga dos Combatentes na entrega dos Prémios aos alunos que obtiveram melhor classificação em Formação Militar Geral no 48.º e 49.º CFS.

Aluno do 48.º CFS que, no final do 1.º Semestre, obteve a melhor classificação em Formação Militar Geral:

2Sarg Inf NIM 16608515 - João Mota Nunes

Aluno do 49.º CFS que, no final do 1.º Semestre, obteve a melhor classificação em Formação Militar Geral:

Aluno NIM 10738117 - Diogo Miguel Gouveia Cruz



WIDEX
ESPECIALISTAS
EM AUDIÇÃO

Com a Widex,
quem não
nos ouve,
passa a ouvir.

FERNANDO TORDO & CUCA ROSETA
CANTORES E COMPOSITORES

**CONSULTA
GRATUITA DE
ACONSELHAMENTO
AUDITIVO**



**Benefícios exclusivos para membros da
LIGA DOS COMBATENTES/WIDEX**

Na compra de um programa de reabilitação auditiva, oferta* de:

20% DESCONTO
5 ANOS DE PILHAS
4 ANOS DE SEGURO

*A oferta de serviços varia consoante o Programa de Reabilitação Auditiva adquirido. Não acumulável com outras campanhas, acordos e protocolos em vigor.

Nº verde gratuito
800 100 157

Dias úteis das 9h às 18h

www.widex.pt



“Guerra, Paz... e Fuzilamentos. Guiné 1970-1980”

Galeria Municipal Verney
253.ª Sessão – Oeiras

Realizou-se no passado dia 15 de fevereiro, em Oeiras, na Livraria - Galeria Municipal Verney, a apresentação do livro “Guerra, Paz ... e Fuzilamentos. Guiné 1970-1980” da autoria do Coronel Manuel Amaro Bernardo.

A sessão foi aberta pelo Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, tendo-se seguido a apresentação da obra pelo Coronel Tir. Cmd Raul Folques e as intervenções do Coronel Cmd Florindo de Moraes, Dr. Lobo do Amaral e Generais Tomé Pinto e Barroso de Moura. A sessão foi encerrada pelo Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, tendo



contado com 36 presenças. Na mesa estiveram o Superintendente Isaías Teles, Coronel Raul Folques, Tenente-ge-

neral Joaquim Chito Rodrigues, o autor Coronel Manuel Amaro Bernardo e o coordenador Coronel José Montez. 



(...) Sonhei que a Epopeia Portuguesa: as viagens marítimas, a expansão, a construção e defesa de um Império, teria por fim a formação de Nações autónomas e independentes, com condições para o exercício da liberdade e do progresso dos respectivos Povos. Mas o sonho terminou em pesadelo, porque o fim foi uma tragédia, uma fuga apressada, abandonando-se sem o mínimo respeito populações; ia dizer à sua sorte, mas, na verdade, ao seu azar.

(...) Uma última palavra para Manuel Bernardo. Bem-haja pela sua persistência no registo de elementos indispensáveis à compreensão de um período de grande importância histórica.

General Ricardo Durão

Programa «Fim do Império»

Autor: Manuel Amaro Bernardo

Capa: Âncora

Editora: Âncora, 2021

À venda na Liga dos Combatentes: 20,00€ (+portes)

Pedidos para: patrimonio@ligacombatentes.org



“Memórias de Angola.

Aventuras e Desventuras em Terras Distantes 1963-1966”

«Escrever sobre um tema como o da Guerra do Ultramar, num tempo em que alguns pretendem reescrever à sua maneira a História, renegando um passado, constituiu em si um ato de coragem e valor. Estas memórias são e serão, seguramente, um valioso contributo para essa mesma história, de um passado recente, que tocou todos os que, de uma forma ou de outra, o viveram, sofreram e no fim de tudo o venceram...»

TGen António Carlos de Sá Campos Gildo
in Postácio

Autor: Eduardo Alberto Franco Barata

Capa: Rita Campos Pereira

Editora: Âncora, 2021

À venda na Liga dos Combatentes: 15,00€ (+portes)

Pedidos para:
patrimonio@ligacombatentes.org

“De Portugal a Angola.

Memórias de um militar miliciano... e não só”

“Finalmente, depois de 27 meses no mato, rodeado de arame farpado e armadilhado para nossa segurança, chegou a hora de voltarmos para casa. Para meu orgulho, e de todos, ninguém ficou para trás. Fomos rendidos por outra Companhia, a CCaç 2776. Tivemos de fazer a viagem de regresso, na picada de Coma, para São Salvador, passando por Cuímba, onde estava a CCS do Batalhão e rumar a Ambrizete por Ambriz, Caxito e Luanda.”

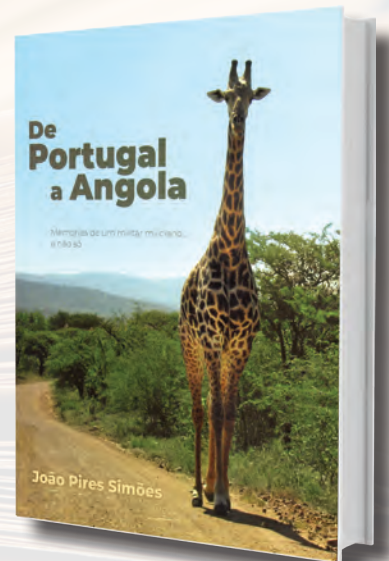
Autor: José Pires Simões

Edição de autor: 2019

Preço para Combatentes: 15,00€ (+portes)

Pedidos para:

Telm: 917 429 132 / Email: simoes_eco@hotmail.com



Coleção «Fim do Império» à venda na Liga dos Combatentes



Pedidos para: patrimonio@ligacombatentes.org

III CONCERTO SOLIDÁRIO NO CENTENÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES
Concerto no Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia
09 DE ABRIL 2022 - 21H00 - DIA DO COMBATENTE, DA BATALHA DE LA LYS



no Centenário da Liga dos Combatentes

3º CONCERTO SOLIDÁRIO

Evocação da Batalha de La Lys
9 de abril de 1918
DIA DO COMBATENTE

ABRIL '22 21H00

Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia

PARTICIPANTES

- Banda Sinfónica do Exército (maestro Alteres CBM Renato Tomás)
- Coro do Ateneu Comercial do Porto (maestrina Lígia Castro)
- Coro Génesis
- Catarina Malcatas Rebelo (harpa)
- Napoleão Ribeiro (gaita de toles)
- Tango Argentino
- Apolo Porto (coreografias e bailados)
- David Silva (piano)

ORGANIZAÇÃO
Isabel Martins - Museu do Combatente

RESERVA DE LUGARES
Bilhete - 20€/p.pessoa - transferência bancária
(NIB: 0007 0000 0093890052 23 - conta da Liga dos Combatentes)
Enviar o comprovativo para o e-mail fbsisabelfmartins@gmail.com
INFO: Telf. 912 899 729







Com o apoio da Banda Sinfónica do Exército, com direção do Alferes CMus Renato Tomás, o concerto de 9 de Abril inicia-se com uma peça sobre a Grande Guerra, com cenas musicais representando episódios vividos em vários países, “PAGINE DI GUERRA”, do compositor ALFREDO CASELLA, e a peça de DANIEL SCHVETZ composta para o Centenário da Liga dos Combatentes, “ORATORIO IN-MEMORIAM”.

Numa apresentação diferente do habitual, para além da componente musical, que foi cuidadosamente escolhida para recordar este conflito, teremos uma contextualização espacial e musical desta altura de início do Século XX, com peças apoiadas por visualização de imagens, canto e coreografias originais com a colaboração de artistas, coreógrafos e bailarinos.

MUSEU DO COMBATENTE



História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos à escala, desde os irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas.



A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo.

MUSEU DO COMBATENTE

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Aberto todos os dias,
incluindo fins de semana e feriados.
Das 10H00 às 18H00
Contacto: 912 899 729

Bilhetes:
4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos)
grátis (sócios da Liga dos Combatentes e combatentes portadores do Cartão do Combatente)

“Com as scooters Stannah nem o seu neto a apanha!”



Ana Bola
Atriz

Nº1 EM SCOOTERS DE MOBILIDADE

Agende o test-drive da sua scooter



Stannah

Plataforma Smart

PODE SER
OPERADA POR
TELEMÓVEL
OU TABLET

Instalação em
apenas 1 dia*

■ A mais estreita
do mercado

■ Capacidade de
carga até 300kg

■ Tecnicamente
avançada

GARANTE O TRANSPORTE DE
PESSOAS E CARGAS DIVERSAS.

Aqualuxe

PERFEITA PARA BANHO
ASSISTIDO OU DE
CADEIRA DE RODAS.

Instalação em
apenas 2 dias*

■ Pedra de remate
antibacteriana

■ Limiar de acesso
muito baixo

■ Vidros temperados resistentes à quebra e tratamento
anticalcário com garantia de 10 anos.

■ Cadeira ortopédica

■ Barra de apoio

■ Base antiderrapante e antibacteriana



Stannah
CONSIGO HÁ 154 ANOS

Ligue e solicite um catálogo grátis:

808 918 388

Custo de chamada local

*Baseado numa instalação em condições normais.





No âmbito do Programa Estratégico e Estruturante «Cuidados de Saúde», no aprofundamento do Apoio à Saúde dos seus sócios, a Liga dos Combatentes estabeleceu uma parceria com a COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ, na instituição de um Seguro de Grupo, nas valências de:

“Rede Allianz 55 ou mais anos”

“Rede Allianz Dental e óticas”

“Rede Bem-estar”

A parceria oferece condições especiais para os sócios da Liga dos Combatentes.

60,00 € /Ano

O seguro será feito através do Núcleo a que o sócio pertence.